

# UNIVERSIDADE DE ÉVORA

RELATÓRIO DA UNIDADE CURRICULAR DE TERCEIRO CICLO

## **TRADIÇÃO, MODERNIDADE E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL:**

### ***Novas Abordagens de História da Ciência***

DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA

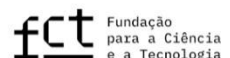
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E  
MUSEOLOGIA

PROVAS DE AGREGAÇÃO EM HISTÓRIA

ESPECIALIDADE EM HISTÓRIA, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E MUSEOLOGIA

DE ACORDO COM O DECRETO-LEI Nº 239/2007, DE 19 DE JUNHO

2025



O IHC é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020.

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório foi concebido de acordo com a alínea b), do artigo 5º, do Decreto-Lei nº 239/2007, de 19 de Junho, para obtenção do título de Agregação, no ramo do conhecimento em História, na especialidade de História, Filosofia da Ciência e Museologia.

A escolha desta área científica justifica-se pelo facto de a nova agenda da História e da Filosofia da Ciência, ao estar preocupada em dar respostas aos desafios da globalização, entendeu expandir o entendimento da ciência, passando a percebê-la como resultado de contactos entre várias geografias e culturas. Nestes, o território e as materialidades (contexto espacial e contexto material onde é produzido o conhecimento), assumem uma importância crucial. Logo, o marketing territorial, ao se propor investigar a forma como o território esculpiu e foi esculpido pelo desenvolvimento científico, mostra-se como um instrumento facilitador de produção e de difusão de conhecimento, viabilizando uma interpelação mais holística e eclética da realidade, resultando esta da combinação ciência-território-sociedade.

Refira-se, a título de exemplo, o caso do Campo Arqueológico de Mértola (Associação cultural e científica sem fins lucrativos associada à Unidade de I&D da FCT N° 0281 - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património), que comprova como o marketing territorial pode efectivamente potenciar a importância do espaço na inovação científica e, ao mesmo tempo, atrair visitantes e turistas.

O facto de ser Investigadora Integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC) e membro do Grupo de Investigação em “História da Ciência, da Tecnologia e do Ambiente”, sediado na Universidade de Évora,<sup>1</sup> tornou óbvia a escolha desta área científica para a realização destas provas.

---

<sup>1</sup> <https://ihc.fcsh.unl.pt/ana-paula-figueira/>

Releva-se que o IHC é uma das unidades de investigação que integra o consórcio IN2PAST – Laboratório Associado de Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, o qual desenvolve a sua actividade em torno de 5 linhas temáticas. Este relatório enquadra-se, especialmente, nas linhas “02 Paisagem, Territórios e Património Cultural” e “05 Transferências Culturais, Políticas Públicas de Memória e Cidadania Inclusiva”.

O valor e a relevância do território e dos materiais etnográficos na História da Ciência são também determinantes em áreas como a Etnobotânica, na medida em que as plantas são a base do aparecimento e do desenvolvimento das civilizações. Como tal, o facto de ter a Vice Titularidade da Cátedra em Etnobotânica e Salvaguarda do Património de Origem Vegetal, instituída pela UNESCO, no Instituto Politécnico de Beja, em Janeiro de 2023, e a coordenação do projecto designado “Cante de Improviso com Viola Campaniça”, também contribuiu para esta escolha.

Por fim, dado o facto de a Universidade de Évora oferecer Unidades Curriculares multidisciplinares no ensino doutoral, de formação transversal, classificando esta acção como prioritária e estratégica ao nível da formação da Escola Doutoral, admite-se que a Unidade Curricular que agora se propõe poderá ser uma possibilidade a ter em consideração para esse efeito, na medida em que, decerto, expande e fortalece o horizonte científico do estudante.

## 2. ESTRUTURA DA UNIDADE CURRICULAR

- Unidade Curricular: “Tradição, Modernidade e Desenvolvimento Territorial Sustentável”
- Ano 1|Semestre 2
- ECTS 6
- Modo de Ensino: Presencial ou Zoom (FCCN/COLIBRI)
- Língua: Portuguesa
- Docente Responsável: Ana Paula Figueira
- Horas de Contacto: 12 sessões |9 sessões em sala, com 3 horas (2.30h efectivas e dois intervalos com 15mn cada) + 3 visitas de estudo (dia 1, manhã, Centro de Valorização da Viola Campaniça e do Cante de Improviso, S. Martinho das Amoreiras; dia 2, manhã, Centro de Artes e da Viola Campaniça de Castro Verde; dia 2, tarde, Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial – Beja).
- Pré-requisitos: sem pré-requisitos, embora seja recomendado um primeiro contacto, de leitura prévia, da bibliografia fundamental, devidamente assinalada no final de cada seminário.

## 3. OBJECTIVOS GERAIS DA UNIDADE CURRICULAR

Esta Unidade Curricular pretende contribuir para que os doutorandos adquiram competências de História da Ciência e desenvolvam a sua capacidade crítica nas seguintes áreas:

- I. Tradição e Identidade Territorial (Seminários 1 e 2)
- II. Modernidade e Inovação (Seminário 3)
- III. Coexistência e Equilíbrio entre a Tradição e a Modernidade (Seminário 4)

- IV. Políticas Públicas e Sustentabilidade Cultural - Marketing Territorial enquanto Abordagem Integrada, de Valorização e de Disseminação, do Trinómio Ciência, Território e Sociedade (Seminário 5/Lição)
- V. Património Cultural Imaterial e Desenvolvimento Territorial Sustentável (Seminário 6)
- VI. Ciência, Cultura e Inovação Territorial: um Olhar para o Futuro (Seminário 7)

#### 4. PLANIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS

<b><i>Nº e Tema do Seminário (S)/ Visita de Estudo (VE)</i></b>	<b><i>Conteúdos Programáticos</i></b>
<b>1. (S) TRADIÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL (Parte I)</b>	<p>Introdução</p> <p>1. A Tradição: Suporte da Identidade Cultural e Histórica do Território</p> <p>Bibliografia Fundamental</p>
<b>2. (S) TRADIÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL (Parte II)</b>	<p>2. A Tradição e a Preservação/Divulgação da Autenticidade e da Unicidade do Território: Elementos Promotores de Coesão Social e de Valorização Cultural</p> <p>3. A Tradição e a Identidade Cultural na História e Filosofia da Ciência</p> <p>Bibliografia Fundamental</p>
<b>3. (S) MODERNIDADE E INOVAÇÃO</b>	<p>Introdução</p> <p>1. Modernidade, Invenções Tecnológicas e Mudança Social à Escala Local numa Óptica de Sustentabilidade</p> <p>2. Harmonia entre a Tradição e a Inovação com vista ao Desenvolvimento Sustentável</p> <p>3. A Modernidade e a Inovação na História e Filosofia da Ciência</p> <p>Bibliografia Fundamental</p>

<p><b>4. (S) COEXISTÊNCIA E EQUILÍBRIO ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE</b></p>	<p>Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que a Tradição confere à Modernidade e o que a Modernidade confere à Tradição</li> <li>2. Harmonia entre Tradição e Modernidade com vista ao Desenvolvimento Sustentável</li> <li>3. A Coexistência e o Equilíbrio entre a Tradição e a Modernidade na História e Filosofia da Ciência</li> </ol> <p>Bibliografia Fundamental</p>
<p><b>5. (S) POLÍTICAS PÚBLICAS E SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MARKETING TERRITORIAL</b></p>	<p>Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Políticas Públicas Baseadas no Conhecimento Científico e na Ética: o Cerne da Gestão e Dinamização do Território com a Interface do Desenvolvimento</li> <li>2. A Cultura e o Poder na Formulação de Políticas Públicas de Desenvolvimento Cultural e Territorial e Sustentável</li> <li>3. Marketing Territorial: um Instrumento de Valorização e de Desenvolvimento Sustentável do Território <ol style="list-style-type: none"> <li>3.1. Breve Referencial Teórico</li> <li>3.2. Planeamento Estratégico de Marketing Territorial</li> <li>3.3. Mais-valias da sua Aplicação, Ilustrada com Alguns Exemplos</li> </ol> </li> <li>4. Políticas Públicas, Sustentabilidade Cultural e Marketing Territorial na História e Filosofia da Ciência</li> </ol> <p>Bibliografia Fundamental</p>
<p><b>6. (S) IMPORTÂNCIA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL: PRESERVAR AS TRADIÇÕES DO PASSADO E FORTALECER AS IDENTIDADES CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS NA SENDA DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL</b></p>	<p>Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Exemplos de Práticas Culturais que Visam Encorajar a Criação Artística e Promover o Intercâmbio entre Diferentes Grupos Sociais</li> <li>2. Exemplos de Práticas Culturais Incorporadas no Planeamento de Marketing Territorial</li> <li>3. A Importância do Património Cultural Imaterial e das suas Práticas na História e Filosofia da Ciência</li> </ol> <p>Bibliografia Fundamental</p>

<p><b>7. (S) CIÊNCIA, CULTURA E INOVAÇÃO TERRITORIAL: UM OLHAR PARA O FUTURO</b></p>	<p>Introdução</p> <p>1. A Utilidade da Ciência e da Cultura no Futuro do Desenvolvimento Territorial Sustentável</p> <p>2. Exemplos de Inovação Territorial que Demonstram o Envolvimento entre as Tradições e as Novas Tecnologias como Resposta a Desafios Globais</p> <p>Bibliografia Fundamental</p>
<p><b>8. (S) APRESENTAÇÃO DO CD “ÂMBRIA” – A MÚSICA NO TERRITÓRIO E O TERRITÓRIO NA MÚSICA: Um Exemplo de Intercâmbio entre Tradição e Modernidade através de um Diálogo entre Tempos, Saberes e Formas Distintas de Expressões Societárias</b></p>	<p>1. O Surgimento da Ideia e as Fases do Processo de Criação do CD</p> <p>2. Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados</p>
<p><b>9. (S) APRESENTAÇÃO DO OPÚSCULO “MÁGICOS DA VIOLA CAMPANIÇA – PEDRO MESTRE”: o Primeiro de uma Colecção de Apontamentos e Registos para a História da Viola Campaniça</b></p>	<p>1. Um Exemplo de uma Forma de Preservação e de Valorização do Património Cultural</p> <p>2. Circunstâncias que Levaram à Concepção do Opúsculo e o seu Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados</p>
<p><b>10. (VE) CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIOLA CAMPANIÇA E DO CANTE DE IMPROVISO, S. MARTINHO DAS AMOREIRAS, ODEMIRA</b></p>	<p>Objectivos da visita de estudo:</p> <p>1. Conhecer o espaço que leva o Município a afirmar que “o Centro é fundamental na estratégia municipal para valorizar o património imaterial e no fortalecer da identidade cultural e do sentido de comunidade”, assim como relacionar com os temas estudados</p> <p>2. Conhecer as diferentes valências do Centro – expositivo, taberna típica e pátio -, assim como a oficina dedicada à formação/construção da viola campaniça, e ainda estabelecer uma relação com os temas estudados</p> <p>Visita orientada pelo Dr. Nuno Duarte, Presidente da Junta de Freguesia de S. Martinho das Amoreiras e pelo músico e tocador Pedro Mestre, coordenador do Centro de Valorização da Viola Campaniça e do Cante de Improviso.</p>
<p><b>11. (VE) CENTRO DE ARTES E DA VIOLA CAMPANIÇA DE CASTRO VERDE</b></p>	<p>Objectivos da visita de estudo:</p> <p>1. Conhecer as valências e as instalações para a construção e toque da Viola Campaniça (oficina de construção, sala de toque), e para a divulgação, salvaguarda e ensino do cante alentejano (Centro Documentação/Observatório do Cante Alentejano; oficinas para a promoção de actividades inovadoras ligadas às artes e ofícios)</p>

	<p>2. Estabelecer uma relação com os temas estudados</p> <p>Visita orientada pelo Dr. José Francisco Colaço Guerreiro, coordenador do Observatório do Cante Alentejano e do Centro de Documentação do Cante Alentejano.</p>
<p><b>12. (VE) CENTRO UNESCO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL – BEJA</b></p>	<p>Objectivos da visita de estudo:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer o equipamento cultural, de gestão municipal, enquadrado nos ideais da UNESCO, vocacionado para dar cumprimento à salvaguarda e promoção do património intangível nas suas várias manifestações como o cante alentejano, as artes e ofícios, gastronomia tradicional ou a literatura oral. Conhecer a sua programação e como ela é estabelecida</li> <li>2. Estabelecer uma relação com os temas estudados</li> <li>3. Showcase pelos “LUZAZUL”, com selecção de 3 temas do CD “ÂMBRIA”</li> </ol> <p>Visita orientada pela Dra. Alexandra Freire, coordenadora do Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial – Beja.</p>

## 5. MÉTODOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

Os conteúdos programáticos serão leccionados em contexto de seminários, cada um deles seguido de acompanhamento tutorial.

Em cada seminário, a apresentação e discussão dos conteúdos programáticos, dará primazia a um ficheiro *PowerPoint*, disponibilizado na plataforma Moodle da Unidade Curricular, na Universidade de Évora, em articulação com a Direcção do Curso de Doutoramento. Pontualmente, poderá ser também utilizado outro material, complementar, como vídeos ou outros, desde que estes outros recursos, e respectivos conteúdos, possam contribuir para enriquecer a exposição.

No ficheiro *PowerPoint*, e por sessão, pretende-se respeitar a regra 10-20-30 criada por Guy Kawasaki: 10 *slides*, para 20 mn, tamanho de fonte 30.

Cada *slide* deverá ter, de preferência, uma imagem e apenas se incluirão citações ou frases com mais de dez palavras, se forem imprescindíveis à clara apresentação dos conteúdos e à aprendizagem.

No início do ciclo de seminários será disponibilizada na plataforma Moodle, bibliografia de leitura fundamental e outros materiais de apoio, nomeadamente, vídeos e/ou links para sites. O objectivo é, desde logo, fazer uma aproximação aos Doutorandos: por um lado, auxiliar a sua interpelação, enriquecendo o debate científico durante o seminário; por outro lado, usar o tempo de contacto para desenvolver as suas capacidades analíticas e críticas, características fundamentais ao processo de investigação, conducente à elaboração da dissertação de Doutoramento.

Este ciclo de seminários inclui 3 visitas de estudo, distribuídas por dois dias:

- Dia 1, manhã: Centro de Valorização da Viola Campaniça e do Cante de Improviso, S Martinho das Amoreiras, Odemira
- Dia 2, manhã: Centro de Artes e da Viola Campaniça de Castro Verde
- Dia 2, tarde: Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial - Beja

As visitas de estudo serão realizadas em articulação, enquadramento e apoio da Unidade de Investigação que acolhe o Doutoramento: o IHC-FCSH-NOVA-Pólo da Universidade de Évora. Esta Unidade de Investigação (IHC/Pólo de Évora) apoiará logisticamente a viabilização destas missões que estão de acordo com o cruzamento de conhecimentos e práticas recomendados por directivas internacionais (ICOM, UNESCO) e programas com os quais a Unidade de Investigação colabora, com especial relevância para o Laboratório Associado IN2PAST.

## **6. DEMONSTRAÇÃO DA COERÊNCIA DA METODOLOGIA DE ENSINO COM OS OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM**

A metodologia de ensino seriada – apresentação e discussão dos conteúdos programáticos sustentados na disponibilização, na plataforma Moodle, de um ficheiro *PowerPoint* com texto e imagens - é, segundo se pensa, o mais adequado à concretização dos objectivos.

Pontualmente, poderá utilizar-se recursos complementares, em particular, pequenos vídeos.

As visitas de estudo desenvolvem e complementam os conteúdos dos seminários, promovendo a aprendizagem. Concomitantemente, facilitam a sociabilidade científica entre os doutorandos, docentes e agentes culturais e científicos.

## **7. MÉTODOS DE AVALIAÇÃO**

Elaboração de um *paper*/ensaio, preferencialmente uma proposta de artigo ou comunicação para Revista ou Encontro Científico, e a sua apresentação, presencial ou remotamente, à docente da UC, colegas e investigadores da Unidade de Investigação, em Jornadas de Investigação de realização periódica (semestral).

No fim de cada sessão será sugerida a bibliografia fundamental, circunscrita a três ou quatro referências, sobretudo referente a obras e a autores clássicos, de preferência disponível na Internet e de fácil acesso, para download gratuito.

Salvaguarda-se que, ao longo de cada sessão, a fim de enriquecer a exposição, serão feitas diversas menções a exemplos práticos, acessíveis através da consulta dos links de Internet.

No final do programa encontra-se uma bibliografia geral, que engloba as referências fundamentais e mais algumas, se bem que não demasiadas. Numa altura em que os estudantes ainda estão a desenvolver critérios de selecção, pretende-se facilitar o foco e evitar a dispersão, levando a que sejam eles, por vontade própria, a sentir necessidade de encontrar mais fontes, nas diferentes linhas de trabalho alvitadas. Desta forma, esta bibliografia constitui uma sugestão inicial para quem pretenda fazer um primeiro aprofundamento dos temas tratados nos seminários. Reitera-se que a bibliografia poderá ser aumentada com novas referências, conforme o interesse dos Doutorandos em aprofundar matérias específicas.

## **8. DESENVOLVIMENTO E ENQUADRAMENTO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

Cada sessão inicia-se com a apresentação dos objectivos educacionais/resultados da aprendizagem específicos, seguindo-se os conteúdos programáticos para os atingir.

Posteriormente e através de uma sinopse descritiva, expõe-se a informação considerada fundamental à compreensão do tema em análise.

## **9. BIBLIOGRAFIA GERAL**

Abric, J-C (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In Moreira, Antónia Silva Paredes; Oliveira, Denise Cristina de. (orgs). *Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia*. AB Editora.

Abric, J-C (2001). *Práticas sociales Y representaciones*. México. Coyoacán Ediciones

Atkins, P. (2006). A química-física do tempo. In Rui Fausto e Rita Marnoto (Coords.), *Tempo e Ciência* (pp.47- 65). Editora Gradiva. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/43308/1/Miolo-Tempo-e-ciencia.pdf>

Benjamin, W. (2017). *A Modernidade*. Assírio & Alvim.

- Benveniste, E. (1969). *Le vocabulaire des intuitions indo-européennes. II: pouvoir*.
- Bourdieu, P. (1980). *Le Sens Pratique*. Ed. de Minuit. <https://media.electre-ng.com/extraits/extrait-id/9b9e8bf836c131fbcc0b581231daa694456e95db7fa068df93dc08c0a21d9f77.pdf>
- Campa, R. (2005). *A Modernidade*. Edições Fim de Século.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. Roneide Majer (trad.), (6ª ed.). Paz e Terra. [https://www.fafich.ufmg.br/ppgs/wp-content/uploads/2020/09/1-CASTELLS-Manuel.-Pr%C3%B3logo\\_-a-rede-e-o-ser...-pp-39-a-66\\_compressed.pdf](https://www.fafich.ufmg.br/ppgs/wp-content/uploads/2020/09/1-CASTELLS-Manuel.-Pr%C3%B3logo_-a-rede-e-o-ser...-pp-39-a-66_compressed.pdf)
- Castells, M. (2018). *O poder da Identidade: a era da informação*. Klauss Gerhardt (trad.), (9ª ed.). Paz e Terra. <https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/05/o-poder-da-identidade.pdf>
- Chamusca, P. & Bento-Gonçalves (2023). *Os desafios (geográficos) da governação territorial*. Universidade do Minho. <https://dx.doi.org/10.21814/uminho.ed.70.2>
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento regional do Alentejo – CCDRA (2020). *Alentejo 2030 – Desafiar o Futuro/Estratégia Regional*. CCDRA. <https://portugal2030.pt/wp-content/uploads/sites/3/2023/02/Estrategia-Regional-Alentejo-2030.pdf>
- Comissão Nacional da UNESCO (CNU-MNE) (s/d). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003)*. CNU-MNE. <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>
- Cordeiro, A. F. O. (2012). *Tradição em transformação - Representações Sociais de Tradição em Associações Culturais* [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2483/1/Tradi%C3%A7%C3%A3o%20em%20transforma%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Covas, A. (2023). *Regiões Inteligentes e Nova Administração*. Edições Sílabo.
- Cunha, L. (2010). Tradição e modernidade: novo encontro para a construção de sociedades sustentáveis. In *Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Editora da UFPR.
- Damásio, A. (2023). *A estranha ordem das coisas*. Edição Círculo de Leitores.
- Dessein, J., Soini, K., Fairclough, G. & Hurlings, L. (eds) (2015). *Culture in, for and as Sustainable Development. Conclusions from the COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability*. University of Jyväskylä, <https://www.culturalsustainability.eu/conclusions.pdf>

Diário da República (s/d). *Estratégias Integradas de Desenvolvimento Territorial (EIDR)*. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/estrategias-integradas-desenvolvimento-territorial-eidr>

Diário da República (s/d a). Património Cultural Imaterial. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/patrimonio-cultural-imaterial>

Domenach, J. M. (1995). *Abordagem à Modernidade*. Edições Piaget.

Dubet, F. (1994). *Sociologia da Experiência*. Edições Piaget.

Elden, S. (2016). Terra, terreno, território, *Geografares* [Online]. M. J. Mendonça (Trad.). <http://journals.openedition.org/geografares/12072>

Farouki, N. (2004). *A consciência e o tempo*. Edições Piaget.

Ferrão, J. (2004). A emergência de estratégias transnacionais de ordenamento do território na União Europeia: reimaginar o espaço europeu para criar novas formas de governança territorial. *EURE (Santiago)*, 30 (89), 43-61. <https://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612004008900003>

Ferrão, J. (2010). Governança e ordenamento do território: reflexões para uma governança territorial eficiente, justa e democrática. *Prospectiva e planeamento*, 17, 129-139. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20098/1/ICS\\_JFerrao\\_Governanca\\_ARN.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20098/1/ICS_JFerrao_Governanca_ARN.pdf)

Figueira, A. P. (2011). *Marketing Territorial – uma nova dimensão do marketing*. Mel Editores.

Figueira, A. P. (2013). *Governança Territorial em Rede – medição da notoriedade e avaliação do desempenho de uma parceria interorganizacional*. Principia Editora.

Figueira, A. P., Carvalho, L., Figueira, V., Fernandes, F. M., & Nunes, M. de F. (2025). The guitar of Baixo Alentejo (Portugal) - a journey into botanical traditions. *Ethnobotany Research and Applications*, 30, 1–11. Retrieved from <https://ethnobotanyjournal.org/index.php/era/article/view/6749>

Fórum das Cidades (s/d). *Estratégias Integradas de Desenvolvimento Territorial*. Fórum das Cidades. <https://www.forumdasidades.pt/content/estrategias-integradas-de-desenvolvimento-territorial-0>

Geertz, C. (2008) *A interpretação das culturas*. LTC. [https://monoskop.org/images/3/39/Geertz\\_Clifford\\_A\\_interpretacao\\_das\\_culturas.pdf](https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf)

Geertz, C. (2008) *A interpretação das culturas*. LTC.  
[https://monoskop.org/images/3/39/Geertz\\_Clifford\\_A\\_interpretacao\\_das\\_culturas.pdf](https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf)

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. P. Dentzien (trad.). Jorge Zahar Ed.  
<https://posgradsoc.ufc.br/wp-content/uploads/2021/11/giddens-anthony.-modernidade-e-identidade.-1.pdf>

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Louro (trad.) (11. ed.). DP&A. [https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf)

Habermas, J. (2017). *A modernidade – um projecto inacabado*. Vega Editores.

Hansen, G. (2000). Espaço e tempo na modernidade. *GEOgraphia*, II (3), 51-67.  
<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13374/8574>

Hansotte, M. (2008). *As Inteligências Cidadãs – como se adquire e inventa a palavra colectiva*. Edições Piaget.

Hobsbawn, E. & Ranger, T (orgs.) (2008) *A Invenção das Tradições*. Paz e Terra.  
<https://pt.scribd.com/document/435935860/a-invencao-das-tradicoes>

Kuhn, S. T. (1998) *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Editora Perspetiva S. A.  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4103727/mod\\_resource/content/1/Kuhn-Estrutura-das-revolucoes-cientificas%201989.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4103727/mod_resource/content/1/Kuhn-Estrutura-das-revolucoes-cientificas%201989.pdf)

Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Editora 34.  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/845769/mod\\_resource/content/1/LATOUR\\_Jamais\\_Fomos\\_Modernos.compressed.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/845769/mod_resource/content/1/LATOUR_Jamais_Fomos_Modernos.compressed.pdf)

Ledrut, Raymond (1983). Remarques sur le thème: Representations de l'espace et identités regionales. In P. Pellegrino (Ed.). *Espaces et Culture*. Editions Georgi (pp. 83-95). <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000058200>

Lévy, P. (2011). *Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação (34).  
<https://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=2>

Lopes, F. & Correia, M. B. (2014). Documento de Nara sobre a autenticidade do património cultural UNESCO, ICCROM e ICOMOS. In F. Lopes, F. Lopes & M. B. Correia (Eds), *Património Cultural, critérios e normas internacionais de proteção* (pp. 303-306). Caleidoscópio. [https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/CLT\\_PatM/ciclo\\_webinares\\_patrimoni\\_o\\_mundial\\_2024/1994\\_unesco-icomos-iccrom\\_documento\\_de\\_nara\\_sobre\\_autenticidade.pdf](https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/CLT_PatM/ciclo_webinares_patrimoni_o_mundial_2024/1994_unesco-icomos-iccrom_documento_de_nara_sobre_autenticidade.pdf)

Manjate, T., Colares, V., Rosário, C., Paulino, V. (2019). *O que é tradição?*. Carlos Serra (orgs). Escolar Editora.

Marques, F. P. (2017). Tópicos sobre a desumanização tecnológico-mercantil. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 4(2), 231 – 236. <https://doi.org/10.21814/rlec.251>

Martins, J. (2019). *Antigos e Modernos: a querela francesa e a disputa pelo gosto no século XVII*. [Tese de mestrado]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/17919/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Juliana%20Timb%c3%b3%20Martins%20-%202019%20-%20Completa.pdf>

Mateus, E. (2014). *Da “Terra das Ervanárias” à produção de plantas medicinais e de conhecimento*. [Dissertação de doutoramento] Universidade de Lisboa/Instituto de Ciências Sociais. [https://repositorio.ul.pt/jspui/bitstream/10451/20245/1/ulsd71424\\_td\\_Elsa\\_Mateus.pdf](https://repositorio.ul.pt/jspui/bitstream/10451/20245/1/ulsd71424_td_Elsa_Mateus.pdf)

Moisés. M. L. (2021). *Pensar Portugal – a modernidade de um país antigo*. Coleção Investigação/Ciências Sociais. Universidade do Minho.

Paulino, V. (2019). O homem na tradição ou a tradição no homem. In Carlos Serra (Coord.), *O que é tradição?* (pp.119-163). Escolar Editora.

Pires, M. L. B. (2006). *Teorias da Cultura*. Universidade Católica Editora.

Raffestin, C. (2009). A produção das estruturas territoriais e sua representação. In Marcos Aurélio Saquet & Eliseu Savério Sposito (orgs.), *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.*, 17-36.

Ribeiro, R. (2019). Cultura popular: uma revisitação conceptual. In Moisés de Lemos Martins & Isabel Macedo (eds.), *Políticas da Língua, da Comunicação e da Cultura no Espaço Lusófono* (pp.107-115). Edições Húmus, Lda.

[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/63087/1/2019\\_Ribeiro\\_CulturaPopular.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/63087/1/2019_Ribeiro_CulturaPopular.pdf)

Rodrigues, A (1996). Tradição e modernidade. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 9, 301-308. <https://run.unl.pt/handle/10362/6925>

Rodrigues, A. D. (1999). Experiência, modernidade e campo dos media. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. [https://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=2](https://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=2)

Rodrigues, A. D. (1999). Experiência, modernidade e campo dos media. Biblioteca online de ciências da comunicação/Universidade da Beira Interior. [https://www.bocc.ubi.pt/\\_listas/tematica.php?codtema=16](https://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=16)

Rodrigues, A. (2007). Para uma teoria da experiência. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*, 19, 7-21.

Rodrigues, S., Santos, A. L., Rola, A., Morais, C., Vasconcelos, C., Gomes, E., Rodrigues, I. & Azevedo, J. (2021). *História da Ciência no Ensino: revisitando abordagens, inovando saberes. Uma Introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/94992>

Rodrigues, M. L. & Silva, P. A. (2016). A constituição e as políticas públicas em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, NE, 23-32. <https://journals.openedition.org/spp/2578>

Rosário, C. (2019). Tradição? Em oposição a quê? A caminho de quê?. In *O que é Tradição* (pp.93-117). Escolar Editora.

Sá, O. de (2011). “Que é, pois, o tempo?” (Santo Agostinho). *Kalíope*, 7 (14), 100-107. <https://revistas.pucsp.br/>

Santos, M. (2005). O retorno do território. *Debates Territorio y movimientos sociales, Ano VI* (16), 255-261. <https://wp.ufpel.edu.br/ppgdtsa/files/2014/10/Texto-Santos-M.-O-retorno-do-territorio.pdf>

Serres, M. (1996). *Diálogo sobre a Ciência, a Cultura e o Tempo*. Edições Piaget.

Simões, V.C., Science for policy in Portugal, Melchor Fernandez, L. and Krieger, K. editor(s), EUR 31023 EN, *Publications Office of the European Union*, <https://doi.org/10.2760/88096>.

Shils, E. (2002). *Tradition*. Martext. <https://pt.scribd.com/document/398953711/Edward-Shils-Tradition-University-of-Chicago-Press-1981-pdf>

Souza, M. (2009). “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. Marcos Aurélio Saquet & Eliseu Savério Sposito (orgs). pp. 57-72.

<https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINA%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%C1FICO%202017/2-LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>

Throsby, D. (2001). *Economics and Culture*. Cambridge University Press. <https://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/00063072.pdf>

Throsby D. (2010). *The Economics of Cultural Policy*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511845253>

Touraine, A. (1994). *Crítica da Modernidade*. Edições Piaget

UNESCO (s/d). *La Convención del Patrimonio Inmaterial*. UNESCO DOC Digital Library.

[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000144569\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000144569_spa)

UNESCO (s/d a). *UNESCO Chairs and UNITWIN networks*. UNESCO. <https://www.unesco.org/en/unitwin>

UNESCO (s/d b). *Projectos*. Cátedra em Etnobotânica e Salvaguarda do Património de Origem Vegetal.

<https://museu358.wixsite.com/meusite/pessoas>

UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. [https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao\\_para\\_a\\_salvaguarda\\_do\\_patrimonio\\_imaterial.pdf](https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao_para_a_salvaguarda_do_patrimonio_imaterial.pdf)

Vaz, C. (2022). Reflexões sobre modernidade e experiência - apontamentos para uma epistemologia geográfica do ser-no-mundo. *GeoTextos*, 18 (2), 131-151. <https://doi.org/10.9771/geo.v0i2.51869>

Viseu, A. (2012). *Políticas públicas de ciência e a regulação da investigação educacional – estruturas e redes de investigadores* [Tese de doutoramento]. Instituto de Educação/Universidade de Lisboa. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7064/1/ulsd\\_1192\\_1\\_td.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7064/1/ulsd_1192_1_td.pdf)

# -Seminário I. TRADIÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

## OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

1. Conhecer os conceitos de tradição e de identidade territorial.
2. Entender que a identidade territorial é um tipo de identidade social que se manifesta nas relações de pertença a um grupo, a partir da demarcação de uma escala territorial de referência identitária, estimulada pela implantação de diferentes práticas sociais e culturais e delimitada pelas tradições, tal como pelas transformações que ocorrem no tempo e no espaço.
3. Compreender como as tradições podem preservar e, ao mesmo tempo, ajudar a disseminar a autenticidade e a unicidade dos territórios, na actualidade.
4. Perceber como as tradições contribuem para a coesão social e para o reconhecimento da importância cultural dos territórios.
5. Saber que o conhecimento adquirido e transmitido através da prática e da experiência é reconhecido pela História e Filosofia da Ciência e, em determinados casos, até opera como a base a partir da qual se desenvolve o conhecimento científico, assim como é considerado vital para a criação das identidades culturais.

## CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- A Tradição: Suporte da Identidade Cultural e Histórica do Território
- A Tradição e a Preservação/Divulgação da Autenticidade e da Unicidade do Território: Elementos Promotores de Coesão Social e de Valorização Cultural
- A Tradição e a Identidade Cultural na História e Filosofia da Ciência

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- A Tradição: Suporte da Identidade Cultural e Histórica do Território
- A Tradição e a Preservação/Divulgação da Autenticidade e da Unicidade do Território: Elementos Promotores de Coesão Social e de Valorização Cultural
- A Tradição e a Identidade Cultural na História e Filosofia da Ciência

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

Perceber os conceitos e as inter-relações entre tradição e identidade cultural, num território, é importante para a preservação e para a valorização da identidade das populações que nele habitam.

Cada local, cada região apresenta um conhecimento colectivo, tácito, de senso comum, que se manifesta em representações ou sistemas de símbolos e de significados que produzem ideias de diferença e de identidade, sendo constituído por atributos, aptidões e padrões únicos. Estes, ao serem transmitidos ininterruptamente às novas gerações, garantem a continuidade da sua história, com diferentes e novos actores.

Por conseguinte, a transmissão deste conhecimento é uma forma de salvaguardar a memória colectiva da população, legitimando e respeitando a autenticidade das suas raízes, facilitando a compreensão da história e dos elementos da cultura local que determinaram a formação da comunidade. Ao mesmo tempo, constitui uma oportunidade para que os mais jovens conheçam, e possam orgulhar-se, da sua herança cultural, e assim assegurem a sua preservação e o seu desenvolvimento sustentável, enquadrando-a até e eventualmente, na construção de uma nova realidade, ajustada à contemporaneidade.

Hoje e cada vez mais, estas expressões de cultura local podem ser apreciadas, não apenas pelos autóctones, nos próprios locais, mas também para além do “seu” território.

A tradição e a cultura também interferem no processo de construção do conhecimento individual, relevando o sentimento de interação simbólica e de pertença: quando os indivíduos conhecem e se identificam com a cultura de um local, sentem-se parte de um grupo, de uma comunidade, desenvolvendo um sentimento de solidariedade, de união e de respeito entre eles.

No contexto da História e da Filosofia da Ciência, a tradição e a cultura são importantes, na medida em que representam um saber adquirido e transmitido por

via da prática e da experiência, determinante ou complementar para o desenvolvimento de certas habilidades e técnicas. O conhecimento que temos da língua que falamos, pode ser um exemplo, na medida em que é por nós recebida como herança, da tradição.

Assim, quando se fala de tradição, modernidade e desenvolvimento territorial, é incontornável abordar o tema deste seminário. Dada a sua importância, é premente que sejam criadas e implementadas acções e políticas públicas que incitem à valorização e à salvaguarda da tradição e da cultura dos territórios.

## DESENVOLVIMENTO

---

- A Tradição: Suporte da Identidade Cultural e Histórica do Território

A forma como os grupos sociais representam a sua história - inseridos num determinado espaço, harmonizado com um dado tempo - é crucial na definição da sua própria identidade. As representações que aconteceram no passado marcam o modo como cada grupo se coloca e se instala no presente, assim como condiciona os seus planos de organização com vista ao futuro.

As representações são estudadas desde há muito pelas ciências sociais e humanas sendo que, nas diferentes apropriações, é possível identificar subdivisões no estudo do conceito, criando espaço para estudos singulares a propósito de temas muito variados.

O conceito de representação social nasce na sociologia de Durkheim com a noção de representação colectiva, mas as grandes referências teóricas da representação social têm lugar no campo da psicologia social, com o trabalho de Serge Moscovici e a sua Teoria das Representações Sociais (década de 60 do Séc. XX).

A Teoria das Representações Sociais conheceu vários desdobramentos liderados, em particular por Jodelet, Doise e Abric, todos complementares aos pressupostos teóricos de Moscovici, apesar de cada um apresentar uma maneira própria de trabalhar com a “grande” teoria.

O conceito de identidade nasceu relacionado com estudos no âmbito da filosofia e da psicologia, na medida em que envolve um exercício de autorreflexão, através do qual o indivíduo avalia as suas características, enquanto ser humano. Pelo facto de estar consciente de que vive em sociedade, tem de se sentir membro de um grupo (dimensão social da identidade), diferenciando-se este, dos outros grupos, pelas particularidades dos seus elementos integrantes. Os indivíduos de um grupo devem sentir-se, pois, diferentes dos outros, assim como essa diferença deve ser reconhecida pelos outros.

Posteriormente, a identidade adquiriu uma dimensão colectiva, resultando de uma construção sociocultural, de um processo de socialização, onde o sentido de pertença é determinado pelas interações sociais, pela cultura e pelos diferentes contextos.

Vale frisar que a perspectiva aqui adoptada privilegia uma perspectiva dinâmica, onde a identidade colectiva é construída num contexto histórico particular, através de um processo de interação, e onde são os indivíduos que operam os elementos culturais do grupo.

Partindo - se do princípio de que não há sociedade sem cultura e vice-versa - a cultura está no processo de constituição do grupo, sendo a soma das experiências do grupo que, continuamente, fruto de um processo dialético, dão forma à cultura do grupo – a identidade cultural assume um papel muito importante.

Releva-se que a identidade cultural é percebida como um conjunto de traços culturais (crenças, valores ou símbolos) interiorizados, através dos quais os actores sociais (individuais ou colectivos), numa dada situação e enquadrados num espaço historicamente específico e socialmente estruturado, marcam as suas fronteiras e distinguem-se dos demais. Para que isto aconteça, há que haver uma relação e um contacto social, traduzido na troca de informações e de comunicação, ou seja, no encontro entre pessoas e na sua participação.

Fruto de um processo de selecção, os indivíduos veiculam-se a vários grupos, segundo os seus referenciais identitários. Isso determina que cada pessoa tenha um olhar “de dentro” e “de fora” de cada um dos grupos.

Como o território é também uma construção social, de representações, este está para além do conceito de espaço e integra variados grupos/comunidades. Independentemente da escala geográfica de análise, nele têm lugar múltiplos cruzamentos de aspectos objectivos - relacionados com o panorama geográfico, social e económico, assim como com as circunstâncias históricas e políticas – assim como com elementos subjectivos - pertencentes às experiências pessoais, aos sistemas de valores, ao património histórico e às referências simbólicas. Deste

modo, o estudo das identidades colectivas faz-se às escalas local, regional, nacional e transnacional.

A identidade cultural representa a forma como o indivíduo se reconhece em relação ao seu contexto cultural. Igualmente, a cultura identitária de um povo refere-se aos elementos que o definem e fazem com que ele se reconheça como um grupo, coeso e distinto de todos os outros. Deste modo, a identidade cultural manifesta-se através de um conjunto de traços culturais, sendo que parte deles são provenientes da tradição.

O conceito de tradição é vulgarmente associado a práticas e/ou métodos passados e antigos de utilização partilhada, sendo o seu significado, do ponto de vista cultural, do senso comum.

Reporta, pois, à transmissão oral e continuada de práticas, lendas, factos e outros, às novas gerações, no seio de um grupo, num dado espaço. Configura-se assim um determinado contexto cultural, constituído por usos, hábitos e uma forma de pensar e de comportamento que é prevalecente.

O livro “Tradição”, do sociólogo americano Edward Shils, (1981) é amplamente considerado como o primeiro a explorar integralmente a história, o significado e o futuro da tradição. Inclui o debate a propósito do papel das tradições na construção da identidade colectiva, e apresenta a tradição como um elo entre o passado e o presente, passível de mudança ou adaptação, essencial à vida contemporânea, concomitantemente, robustecedora das raízes históricas da sociedade, isto é, promotora de uma identidade territorial coesa (Shils, 2002 [1981]).

Todavia, importa referir que existem visões, até contraditórias, a propósito do que é a tradição. Uma delas, designada por muitos autores como de primeira geração, enfatiza um passado preservado e puro, quase intocável, autêntico e genuíno, como se não tivessem existido contactos com outras culturas ao longo dos tempos.

Esta visão de “imutabilidade, continuidade e pureza” terá sido especialmente difundida a partir dos estudos de Richard Dorson, que “inaugurou o termo *fakelore* (traição) para designar textos da literatura oral que se afastavam dos padrões

esperados. Esta é uma visão estática, considerada “autoritária e fossilizada” da tradição.

Foi no livro “The Invention of Tradition” (1983), dos historiadores britânicos Eric John Hobsbawm e Terence Ranger, onde se generalizou o conceito de invenção da tradição (Hobsbawm & Ranger, 2008 [1983]).

Partindo do princípio de que a tradição é uma marca ou um sinal da cultura local de um povo e de uma nação, consistindo em hábitos de vida, cujo sentido é estabelecer um sentimento de pertença, tanto material como imaterial, por parte da população que os respeita e pratica, Hobsbawm e Ranger consideram que uma tradição inventada corresponde a um conjunto de práticas e normas, aceites mais ou menos claramente, com uma natureza ritual ou simbólica e com o propósito de inculcar valores e normas de comportamento reiterados desde o passado. A tendência para se inventarem tradições é proporcional à rapidez e à substância/amplitude das transformações sociais.

As tradições inventadas são, assim, práticas com pouco tempo de existência, mas mostradas como antigas. Em determinadas situações, por exemplo, no caso de nações emergentes, a narrativa histórica criada através das tradições inventadas fundamenta certos valores e práticas culturais, assim como contribui para fortalecer a sua coesão territorial. Neste sentido, as tradições inventadas são, ou podem ser, formas ou meios de concepção da identidade cultural e territorial.

A globalização tem um forte impacto na cultura local, provocando desafios e conflitos. Por um lado, constitui uma ameaça, na medida em que pode levar à homogeneização através da disseminação de produtos em massa, padronizando valores, hábitos e comportamentos e gerando conflitos culturais; por outro lado, pode ser uma oportunidade, visto que propicia o intercâmbio e a diversidade cultural, ao facilitar que as culturas possam ser apreciadas numa escala global.

Stuart Hall em “Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (1992) debate o impacto da globalização sobre as identidades culturais e sobre a tradição, e apresenta três possíveis consequências resultantes do crescimento da homogeneização cultural:

- a) A sua desintegração;

- b) O seu reforço por via da resistência à globalização;
- c) O seu declínio, dando lugar a novas identidades híbridas.

Assim, para Hall, proteger as manifestações culturais locais face à pressão uniformizadora da globalização é um assunto a ser tido em conta quando se pretende trabalhar a sustentabilidade cultural dos territórios (Hall, 2006 [1992]).

Em 1996, o sociólogo espanhol Manuel Castells dá início à publicação da sua trilogia sob o título, em inglês, “The Rise of the Network Society”. No segundo volume - “O Poder da Identidade” – Castells enfatiza o facto de as comunidades locais resultarem de uma acção de grupo, sendo preservadas por via da memória colectiva. Asseguram a coesão social em contextos territoriais particulares, logo, o seu desenvolvimento sustentável. Acrescenta que a globalização, ao impor uma desordem global e transformações rápidas e incontroláveis, corre o risco de debilitar o tecido social que, por tal, opta muitas vezes por responder adoptando reacções defensivas (Castells, 2018 [1996]).

David Throsby é um reconhecido economista cultural australiano. O seu livro “Economics and Culture (2001), constitui uma obra de referência nesta área. Throsby discute a ideia de sustentabilidade cultural, recorrendo ao conceito de capital cultural, este já antes apresentado por Pierre Bourdieu (1999) como os recursos, capacidades e aptidões à disposição e que podem ser utilizados em contexto cultural.

Por isso, Throsby defende que os processos de desenvolvimento devem respeitar as particularidades culturais e históricas do território e, como tal, as tradições devem integrar esses processos, a par da inovação, na busca de um equilíbrio que tenha em conta, tanto a salvaguarda das mesmas, como a adaptação às novas realidades sociais e económicas.

Inclusivamente, ele identifica seis características culturais que são fontes de valor para uma actividade ou coisa (tangível ou intangível): i) valor estético; ii) valor espiritual (ou religioso); iii) valor social (a medida em que uma coisa proporciona às pessoas uma sensação de ligação com outras pessoas); iv) valor histórico (a medida em que os objectos culturais funcionam como repositórios de valor); v)

valor simbólico (a medida em que os objetos culturais actuam como meios de difusão/disseminação de significado); valor de autenticidade (do facto de a obra representada ser, efectivamente, a obra de arte real, original e única).

Posteriormente, no livro “The Economics of Cultural Policy (2010), Throsby reitera estas suas ideias, particulariza o valor económico dos bens e serviços culturais e enfatiza a sua importância e o seu contributo para a coesão social e para o planeamento com vista ao desenvolvimento territorial sustentável.

Em Portugal, destacam-se geógrafos como Jorge Gaspar, João Ferrão e José Manuel Simões, cujos trabalhos, ao longo de décadas, são um contributo inestimável, em particular, para áreas como o planeamento e o urbanismo, neles ressaltando a importância do desenvolvimento sustentável dos territórios, onde a história e a cultura dos lugares têm lugar.

Resta ainda fazer menção ao trabalho desenvolvido pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Para além da importância da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), já antes mencionada, salienta-se o facto de, em 2015, todos os Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) terem aprovado a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que não é mais do que um plano de acção para benefício das pessoas e do planeta, onde estão incluídos os 17 ODS. Destaca-se o ODS 11.4 (“fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o património cultural e natural do mundo”) por evidenciar claramente a importância da relação entre património cultural e desenvolvimento sustentável.

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

---

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Louro (trad.) (11. ed.). DP&A. [https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf)

Hobsbawn, E. & Ranger, T (orgs.) (2008) *A Invenção das Tradições*. Paz e Terra. <https://pt.scribd.com/document/435935860/a-invencao-das-tradicoes>

Shils, E. (2002). *Tradition*. Martext. <https://pt.scribd.com/document/398953711/Edward-Shils-Tradition-University-of-Chicago-Press-1981-pdf>

Throsby, D. (2001). *Economics and Culture*. Cambridge University Press. <https://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/00063072.pdf>

# -Seminário II. TRADIÇÃO E IDENTIDADE

## CULTURAL (parte II)

### OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

1. Perceber como as tradições contribuem para a coesão social e para o reconhecimento da importância cultural dos territórios.
2. Saber que o conhecimento adquirido e transmitido através da prática e da experiência é reconhecido pela História e Filosofia da Ciência, e em determinados casos até como a base a partir da qual se desenvolve o conhecimento científico, assim como é considerado vital para a criação das identidades culturais.

### CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- A Tradição e a Preservação/Divulgação da Autenticidade e da Unicidade do Território: Elementos Promotores de Coesão Social e de Valorização Cultural
- A Tradição e a Identidade Cultural na História e Filosofia da Ciência

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- A Tradição e a Preservação/Divulgação da Autenticidade e da Unicidade do Território: Elementos Promotores de Coesão Social e de Valorização Cultural
- A Tradição e a Identidade Cultural na História e Filosofia da Ciência

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

O estudo da relação entre a tradição e a identidade cultural permite dar valor à diversidade, à harmonia, à coesão social; possibilita entender a história, as transformações sociais, assim como planejar o desenvolvimento cultural e sustentável dos territórios, propiciando a sua integralidade em detrimento da homogeneização favorecida pela globalização.

A tradição desempenha uma função decisiva no que respeita à constituição, preservação e aperfeiçoamento da identidade cultural de um povo, distinguindo-se enquanto base da identidade cultural, histórica e identitária do território. O seu estudo é, pois, crucial quando se pretende compreender a mudança social e a maneira como esta pode promover, ao mesmo tempo, a perpetuação de um conjunto de representações simbólicas que são transmitidas, continuamente, de geração em geração, tal como o desenvolvimento. Neste particular, estes estudos podem ainda facilitar conhecimentos sobre quem somos, enquanto grupo e, desta forma, servirem de suporte para a elaboração de políticas públicas, relevando a memória dessa comunidade, bem como a sua coesão social e o seu desenvolvimento sustentável.

A tradição reporta, pois, ao conjunto de manifestações, condutas e valores, transmitidos de geração em geração, mas assim mesmo dinâmicos, fundados na cultura de uma sociedade que, por sua vez, está estabelecida num determinado espaço geográfico, sendo este último alvo do processo de territorialização, ou seja, é modelado pelo homem. Neste entendimento, a tradição confere uma identidade, uma história e uma memória ao território (actos simbólicos que implicam recordação, tradução, esquecimento e ausência).

Apesar de as tradições não serem estáticas, isto é, também mudarem ou se resignificarem - no sentido de acompanharem as transformações das sociedades, que num determinado espaço e tempo, arruinam e desfazem velhos padrões, substituindo-os por novos, à partida, mais ajustados à realidade do presente -, há

sempre algo que é intocável – o núcleo central da representação –, seja a persistência de uma crença, ou de uma prática, cuja inteireza e encadeamento persistente e simbólico resiste ao choque da mudança.

Surge assim o conceito de autenticidade, como a característica ou a natureza do que não é falso, do que não é forjado, nem do que sofreu adulteração, numa dada cultura, por tal consagrado como símbolo cultural ou emblema da autenticidade nacional e local. A sua importância e respeitabilidade alicerça-se, pois, no facto de representar o local, o país, a sua história e a sua identidade.

Neste enquadramento, a tradição é entendida como uma referência da cultura local de um povo e de uma nação, consistindo em hábitos de vida, cujo sentido é estabelecer um sentimento de pertença, tanto material como imaterial, por parte da população, que os respeita e os pratica. É, pois, clara a sua importância para a coesão social e para a identidade do grupo, um elemento de estabilidade, de autoestima e de resiliência num mundo em constante mudança.

A tradição e a identidade cultural também têm uma função considerável, até estratégica, num quadro de desenvolvimento territorial sustentável:

- a) Enquanto manifestações da diversidade cultural, valorizam o capital simbólico do território, podendo/devendo ser incorporados nas políticas públicas, em particular, nas relativas à educação, ao turismo e à conservação do ambiente;
- b) Quando integrados no planeamento estratégico e no marketing territorial, permitem a criação de uma imagem muito mais autêntica e atractiva do local, reforçam a sua unicidade e desvendam, tal como estimulam, o sentimento e o orgulho de pertença entre os autóctones;
- c) A integração de elementos culturais no marketing territorial tem por fim atrair visitantes, turistas, residentes e investimento.

Actualmente é consentânea a importância da formulação de políticas públicas que visem preservar e dar a conhecer as tradições e a identidade cultural dos povos, mantendo viva a sua memória colectiva. Estas políticas privilegiam a identificação, o reconhecimento, o apoio e incentivo do e ao Património Cultural Imaterial, tendo

por objectivo último, assegurar a sobrevivência e o reconhecimento da importância e do valor daquele, assim como a promoção do desenvolvimento sustentável.

Deverão privilegiar um ponto de vista local, no que respeita à concepção de programas e respectivas acções focadas na preservação, assim como ter em linha de conta as particularidades de cada território, incluindo as suas expressões culturais.

As tradições, mesmo as que estão profundamente enraizadas no seio de uma cultura, são sujeitas à mudança temporal das sociedades; logo, as políticas públicas definidas na área cultural deverão ser formuladas para além da conservação estática dos elementos culturais tradicionais, ou seja, devem permitir também a sua resignificação, fruto do processo de adaptação dos povos à mudança.

Estas políticas devem ter, por um lado, uma vertente educacional e, por outro lado, um foco na valorização da tradição e da identidade cultural: é fundamental que as crianças e os jovens percebam a importância do legado e do seu papel na transmissão futura desse legado, tal como é determinante a existência de apoios que incentivem projectos de promoção da cultura local.

Neste seguimento, e agora numa perspectiva histórica, poder-se-ia afirmar que as tradições são valores e práticas valiosos, aos olhos de uma sociedade e, por tal, conservados, ajustados e transmitidos oralmente às novas gerações. Constituem a sua herança cultural e social e englobam a língua, os dialectos, a música, a dança, a religião, os costumes, etc., ou seja, caracterizam-se pela ritualização de movimentos e de comportamentos.

Nomeadamente, a partir da década de 1970, as inovações tecnológicas e científicas que surgiram e que marcaram os meios técnicos, científicos e informacionais - conformando a designada Terceira Revolução Industrial -, serviram de respaldo a uma globalização sem precedentes, observando-se um aumento assinalável nos fluxos internacionais de capitais, mercadorias, pessoas e informações.

Face a este acontecimento, as culturas locais começaram a ser expostas a factores externos, correndo o risco de se homogeneizarem e, deste modo, arriscando perder a sua autenticidade.

Importa sublinhar que a consciência desta ameaça conduziu a que instituições como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no decurso da sua da 32ª Conferência Geral, no dia 17 de Outubro de 2003, aprovasse a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, cuja entrada em vigor aconteceu a 20 de Abril de 2006.

Releva-se que a chamada de atenção para a diversidade cultural, assim como a premência em apostar na valorização das culturas populares e nas tradições intangíveis, foi algo muito solicitado por organizações não governamentais e movimentos sociais na altura.

Como antecedentes e impulsionadores da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, seleccionam-se os três seguintes:

- a) A criação do Grupo de Trabalho da ONU sobre Populações Indígenas, em 1982, com o propósito de desenvolver acções internacionais sobre os direitos indígenas;
- b) O primeiro resultado verdadeiramente robusto surgiu em 1989, com a Recomendação da UNESCO aos Estados-membros quanto à Salvaguarda da Cultura Popular e Tradicional, promulgada na 31.ª Conferência Geral. O documento alertou para a importância de identificar, documentar e inventariar os “conhecimentos tradicionais” com vista à preservação desse legado, que inclui não somente os produtos culturais, mas também os produtores e detentores da tradição, para as gerações futuras. Esta recomendação trazuiu, assim, o conceito de património imaterial;
- c) Mais tarde, em 2001, a UNESCO aprovou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural que reconhece a indispensabilidade de “aumentar o potencial da cultura como meio de alcançar prosperidade, desenvolvimento sustentável e coexistência pacífica mundial”. O paradigma estava mesmo a mudar: passou-se a reclamar o respeito à diversidade cultural, enquanto um

direito das gentes, das nações, havendo-se assumido igualmente a necessidade incontornável de aquele ser considerado no âmbito da definição das políticas públicas, nacionais e internacionais, como uma forma de promoção do diálogo entre os diferentes povos.

A Convenção de 2003 acaba por se afirmar como uma ferramenta promotora do património cultural imaterial, assumindo que este é o indutor mais importante da diversidade cultural e, por conseguinte, do desenvolvimento sustentável.

Esta Convenção propõe-se, concomitantemente, a completar um vazio que, até aí, existia na legislação relativa à protecção internacional do património cultural imaterial: para fins de salvaguarda, apenas era considerado o património cultural tangível, móvel e imóvel.

Ainda no seguimento desta Convenção, resultou a criação da Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO, que actualmente regista mais de 600 elementos, assim como a Lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade com Necessidade Urgente de Salvaguarda da UNESCO, uma subcategoria da primeira, destinada a oferecer relevância a todos os elementos culturais imateriais que correm o risco de extinção, que regista quase 80 elementos.

Estas referências ou demarcações aclaram a evolução, numa linha do tempo, dos conceitos e da relação entre a tradição e a identidade cultural, inicialmente entendidos apenas como valor colectivo local e, depois, como património da humanidade, incremento da diversidade global e da harmonia entre diferentes culturas.

Por último, caso se procure descortinar uma relação, enquadrando o tema geral deste seminário na História e Filosofia da Ciência, poder-se-á dizer que, apesar de a tradição remeter para um conhecimento empírico e tácito, este não é despiciendo na construção da identidade cultural, na transmissão de valores entre gerações, ou seja, na forma como culturas diferentes e épocas distintas concebem a sua visão do mundo. Há que salientar o facto de o saber tradicional ou popular – caso das plantas utilizadas para fins medicinais, ou a cultura do vinho da talha no Baixo

Alentejo, p.e. – está normalmente relacionado com o território e constitui uma base, um ponto de partida, para a construção do conhecimento científico.

Esta é matéria que se inclui no campo de estudos da História da Ciência e da Filosofia, nomeadamente:

- a) Quando investiga o modo como a noção de espaço, de tempo e de conhecimento foram concebidas e disseminadas em determinados ambientes culturais, influenciando a vida social da comunidade em análise;
- b) A tradição, enquadrada no território, constitui um manancial de conhecimento empírico que beneficia e auxilia a Epistemologia e o seu entendimento.

## DESENVOLVIMENTO

---

- A Tradição e a Preservação/Divulgação da Autenticidade e da Unicidade do Território: Elementos Promotores de Coesão Social e de Valorização Cultural

Quando o objectivo é valorizar o património cultural, é incontornável pensar em formas de salvaguardar as tradições, reconhecendo as suas características únicas, enquanto se dão a conhecer, se partilham sensatamente com os outros, observando a harmonia entre integridade e adaptação à mudança.

Assim sendo, e nesta perspectiva, os conceitos de autenticidade e de unicidade são permeáveis entre si e, juntos, estão ao serviço da valorização do território.

A autenticidade é, pois, uma medida da integralidade da verdade do processo criativo e da modelagem de uma obra ou de uma prática, tendo em consideração os efeitos da sua passagem no tempo.

Implica a identificação das qualidades e atributos originais e verdadeiros de uma peça, de uma acção ou de uma parcela de espaço. Atendendo a que o território é uma construção social, traduzindo um espaço definido e delimitado por, e a partir de relações de poder, a autenticidade, se aplicada ao território, espelha a relação desse espaço com o seu património cultural original: manter a autenticidade significa manter o seu valor intrínseco, a sua originalidade e a sua integridade identitária.

Do ponto de vista das normativas, importa dizer que, e mais uma vez, a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, teve e continua a ter, um papel determinante: se a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972) abre espaço para esta discussão, o Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural (Nara Document on Authenticity) (1994), estipula a autenticidade como um valor fundamental para a salvaguarda dos bens culturais e conclui quanto à inviabilidade de se poderem basear julgamentos de valor apenas em critérios fixos, devendo antes considerá-los a partir dos contextos culturais a que dizem respeito. Neste particular,

reconhece a tradição como uma das fontes de informação (artº 15) (Lopes& Correia, 2014).

Deste modo, a autenticidade converte-se numa medida do valor cultural e de importância histórica das tradições, com a ressalva de que, essas manifestações originais podem ser sujeitas a uma evolução natural, de adaptação a novos contextos e às novas exigências de um mundo globalizado, sem que, todavia, sejam descaracterizadas, ou seja, sem que percam o seu núcleo simbólico original ou o núcleo central da sua identidade.

Nesta ordem de ideias, assume particular importância o registo e a digitalização de práticas culturais (em Portugal, a título de exemplo, destaca-se o pioneirismo do trabalho de recolha e de estudo da música tradicional por Michel Giacometti, com início nos anos 60) como uma maneira de eternizar e dar a conhecer as tradições (Figura 1).

Figura 1: Michel Giacometti



Fonte: <https://www.pportodosmuseus.pt/2020/06/29/setubal-recebe-exposicao-de-fotografias-ineditas-de-michel-giacometti/>

Nos dias de hoje, existem plataformas na Internet que permitem o acesso ao património imaterial, assim contribuindo para a disseminação das tradições. Refira-se a Plataforma "Mergulhe no Património Cultural Imaterial" da responsabilidade da UNESCO, com o apoio do Reino dos Países Baixos (<https://ich.unesco.org/en/dive>) ou, no Algarve, a "Algarve Imaterial" (<https://algarveimaterial.wordpress.com/>).

Fazendo agora uma breve referência ao conceito de unicidade de um território, ou à sua “assinatura”, este reporta a tudo aquilo – material e imaterial – que lhe confere uma identidade única e distinta, incluindo aspectos da sua geografia, da sua história e da sua cultura. Implica, para quem nele vive, um sentimento de pertença e, para os outros, o reconhecimento da sua particularidade.

Assim, a autenticidade do património cultural imaterial é um dos elementos que alimentam a unicidade do território, o que significa dizer que a relação entre estes dois conceitos e a preservação/divulgação das tradições é muito próxima, devendo respeitar a premissa de fugir à descaracterização na busca de um equilíbrio entre a integridade do território e a adaptação às putativas mudanças. Só, desta forma, ele é valorizado.

O conceito de coesão social surge naturalmente, neste contexto: concorre para que exista um sentimento de pertença e de solidariedade entre todos aqueles que habitam um dado território, que prevaleça um clima de harmonia na vida em comum, entre o passado e o presente, assim como entre as pessoas e as instituições, nas suas diferentes dinâmicas. Uma sociedade coesa é o contrário de uma sociedade desorganizada e polarizada ou adepta da exclusão, seja ao nível social como espacial.

As tradições alimentam a coesão social e esta, por sua vez, contribui para revigorar as tradições.

Émile Durkheim no seu livro “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (1912), refere-se à existência de uma representação colectiva (símbolos e significados) estruturada na religião, que permite que os indivíduos do mesmo grupo social concebam o mundo de uma forma homogénea. Esta consciência colectiva (consenso) define as formas de agir e de pensar do grupo, produzindo ideias de identidade e de diferença e estimulando a coesão social (Durkheim, 2000 [1912]).

O antropólogo Clifford James Geertz, no livro “A Interpretação das Culturas” (1973), na esteira de Max Weber, entende o homem como um animal que está atado a teias de significados, tecidas por si, permitindo a sua integração e coesão social (Geertz, 2008 [1973]).

Mais tarde, Anthony Giddens, em “Modernidade e Identidade” (1991), acrescenta que na vida social moderna, marcada pela globalização, os lugares perdem significado, enquanto referentes externos dos indivíduos, envolvendo-se muito mais com o designado “projecto reflexivo do eu”. Pelo contrário, em contextos tradicionais, o "ciclo da vida" continua a ser movido pela “renovação”, na medida em que cada geração tende a redescobrir e a reviver os modos de vida dos seus antecessores. As práticas ancestrais repetem-se apenas se forem “reflexivamente justificáveis”. Deste modo, Giddens argumenta que as tradições contribuem para restaurar o sentido de comunidade, já que estimulam o sentimento de pertença e de coesão social (Giddens, 2002 [1991]).

Stuart Elden, no artigo intitulado “Terra, terreno, território” (2010), considera que o território é geográfico, porque representa uma forma de ordenar o mundo, se bem que desigual no seu desenvolvimento; é histórico, porque é “produzido, mutável e fluído”; é “uma palavra, um conceito e uma prática”; é “económico, estratégico, jurídico e técnico”; deve, pois, ser tratado tendo em linha de conta as suas especificidades “histórica, geográfica e conceitual”. O território é, para ele, esta amálgama de elementos que, reunidos conferem a unicidade ao território e a sua identidade (Elden, 2016 [2010]).

A importância de valorizar culturalmente o território, visando a sua sustentabilidade cultural, é amplamente tratada no documento “Culture in, for and as Sustainable Development - Conclusions from the COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability” (2015), com Joost Dessein, Katriina Soini, Graham Fairclough e Lummina Horlings na qualidade de editores. A sustentabilidade cultural de um território, neste contexto, tem a ver com manter ligações com o passado, embora reconhecendo que o património é muito mais do que preservar a materialidade ou mesmo ‘manter o passado vivo’. É dinâmico, controverso e pode suscitar acesos debates.

- A Tradição e a Identidade Cultural na História e Filosofia da Ciência

Ao se pretender compreender como é que as diferentes culturas produzem, reconhecem e divulgam os conhecimentos às novas gerações, é incontornável abordar a relação ou o cruzamento entre a tradição, a identidade cultural, e a História e a Filosofia da Ciência.

Afinal, e numa definição muito simplista, poderia dizer-se que a História da Ciência reporta ao relato/acto de contar a mudança/renovação do conhecimento, e a Filosofia da Ciência preocupa-se com o estudo dos princípios, e respectivas justificativas, do saber, assim como com a sua ligação com a cultura.

Por outro lado, se podemos considerar a dualidade relativa ao saber – senso comum e saber científico – é também uma realidade que é importante renunciar a esse fundamentalismo e perceber que a ciência não é uma área eremítica, pejada de uma racionalidade impoluta e absoluta; longe disso: representa um compromisso com o apuramento da verdade, onde a redescoberta da subjectividade e das situações não é despicienda, se o objectivo é integrar, ampliar e valorizar o conhecimento. As práticas tendem a ser, cada vez mais, transdisciplinares, reunindo as vertentes científica e humanista. Nesta contextura, as tradições e as identidades dos grupos que as exercitam contribuem para modelar as formas e os contornos das abordagens científicas.

A História, como alguém mencionava informalmente, não é o passado. A História é uma história sobre o passado, contada no presente, segundo as tradições filosóficas, as condições ambientais e de tradução cultural do historiador. Assim, a História da Ciência incide sobre a forma como, ao longo dos tempos, as várias culturas subsidiaram o conhecimento científico; por sua vez, a Filosofia da Ciência discute, questionando, os princípios e os procedimentos da ciência, o que contribui para relevar a discussão a propósito da observação, estudo e integração do conhecimento tácito, que não resulta da aplicação universal e lógica do método científico.

Deste modo, a História da Ciência, ao registar e ao documentar como as culturas desenvolveram determinadas práticas, mostra a influência que as tradições tiveram na evolução do saber: é o caso das plantas medicinais usadas no tratamento de doenças, ao longo das diferentes épocas, em diversos lugares, contribuindo para a farmacologia moderna, revelando assim como este “diálogo cultural” pode tornar o saber cumulativo. Em Portugal, refere-se o caso da aldeia de Vale da Trave (Figura 2), no concelho de Santarém, com menos de 200 habitantes, cujo exemplo é trabalhado na Tese de Doutoramento de Elsa Mateus (2014). De notar que a aldeia entendeu revitalizar-se, para preservar a sua identidade cultural e manter a ligação com o seu ambiente natural e histórico, tornando-se conhecida como “Terra de Ervanárias”, assumindo como ponto de partida o facto de, naquele espaço, nascerem espontaneamente mais de 160 espécies de ervas.

A História da Ciência tem por fim compreender a forma como a ciência se desenvolve, auxiliando nos processos de aprendizagem e tendo um papel valioso para a promoção da humanização da ciência. Este enunciado foi amplamente corroborado no 2EHCE – 2º Encontro da História da Ciência no Ensino (2017), uma organização conjunta de várias universidades portuguesas, e que culminou na edição do livro coordenado por Sérgio Rodrigues, Ana Luísa Santos, Ana Rola, Carla Morais, Clara Vasconcelos, Elsa Gomes, Isilda Rodrigues, Jorge Azevedo, intitulado “História da Ciência no Ensino. Revisitando Abordagens, Inovando Saberes” (2021).

Figura 2: Aldeia de Vale da Trave



Fonte: <https://baldiodovalidatrave.blogspot.com/2009/07/vale-da-trave-terra-das-ervanarias.html>

É também graças à documentação histórica que é possível reconhecer tradições locais que, mesmo antes menos valorizadas (algumas delas até correram o risco da extinção), a sua revitalização serviu propósitos nacionais e são vistas como importantes contributos para o conhecimento actual. É o caso da prática folclórica que hoje, depois de ter sido revigorada, corre o risco da folclorização. Este caso é amplamente explanado por Salwa El-Shawan Castelo-Branco e Jorge Freitas Branco em “Folclorização em Portugal: uma perspectiva” (2003).

A Filosofia da Ciência, por sua vez, ao questionar como é que o ser humano chega ao conhecimento, procurando legitimá-lo por via da razão, contribui para a Ciência validar o mais racionalmente possível o conhecimento. Assim, consente e contemporiza um pluralismo epistemológico que reputa a validade do saber tradicional para a compreensão do mundo.

O filósofo austríaco Paul Feyerabend, no livro “Contra o Método” (1975) apresenta uma posição entendida como “radical”, de rejeição das regras metodológicas, defendendo um “anarquismo epistemológico”. Apesar de os princípios gerais por ele desenvolvidos serem vagos – o “tudo vale”, por exemplo -, o que pode comportar diferentes determinações, a sua visão pluralista da ciência enquadra o diálogo entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, para compreender a integralidade do que acontece no mundo (Feyerabend, 1975 [1977]).

Bruno Latour na sua obra “Jamais Fomos Modernos” (1991), também advoga o fim da concepção unitária da História e introduz a ideia de rede no centro do seu objecto de estudo (Latour, 1994 [1991]).

É de assinalar também a obra do físico, historiador e filósofo Thomas Kuhn, nomeadamente o livro “Estrutura das Revoluções Científicas” (1962). Para fundamentar e permitir a evolução da ciência, Kuhn defende a existência de um “contexto de descoberta”, que inclui as vertentes sociológica, histórica e psicológica do objecto de estudo, ou seja, a diversidade cultural no processo científico, onde a tradição e a identidade cultural dos povos têm o seu lugar. Defende que a ciência evolui de acordo com “paradigmas” – uma unidade metodológica de análise científica, reportando a épocas em que a visão de mundo

dominante esculpe o entendimento científico, até ao momento em que começa a ser instigada e, a seguir, substituída por outras e novas ideias (Kuhn, 1962 [1998]).

Naturalmente, esta sequência envolve transformações científicas e culturais, na medida em que as ideias prevaletentes em cada período instigam a aquiescência ou a renúncia à conceituação de novas ideias.

Faz sentido citar alguns exemplos após o aparecimento da escrita:

- a) Na Idade Antiga<sup>1</sup> (4000 anos a.C. até 476) prevaleceu um paradigma filosófico e cosmológico, com destaque para os gregos Aristóteles e Platão, sendo valorizada a compreensão racional da natureza, relacionada com a filosofia e com a metafísica, o que espelhava a identidade cultural da altura;
- b) Na Idade Média<sup>2</sup> (476 até 1473) dominou o paradigma teológico ou teocêntrico: a religião explicava e justificava o conhecimento. As universidades medievais de Paris e de Bolonha seguiam estes princípios. Tomás de Aquino foi uma figura de destaque;
- c) Na Idade Moderna<sup>3</sup> (1473 até 1789): o Renascimento e o Iluminismo, com prevalência dos paradigmas científico e mecanicista. Acolheu a Revolução Científica (de 1500 a 1700, sensivelmente). Nesta altura, passou a valorizar-se a observação e o empirismo e a ciência e a religião iniciam o caminho de autonomização. Notabilizam-se Galileu Galilei e Isaac Newton;
- d) Na Idade Contemporânea<sup>4</sup> (1789 – até à actualidade), sobressaiu o paradigma positivista e evolucionista: August Conte estabeleceu as raízes do positivismo e o conhecimento científico passa a ser entendido como o único caminho que pode conduzir a humanidade ao progresso; destaca-se Charles Darwin e o Darwinismo, ou a teoria evolucionista proposta por aquele autor e por Alfred Wallace, sustentada na herança comum e na selecção natural. A vontade de aplicar o darwinismo às sociedades humanas originou o Darwinismo Social e suportou o aparecimento de ideias relacionadas com a eugenia, com o racismo, com o imperialismo e com o

---

<sup>1</sup> Idade Antiga: 4000 aC (desenvolvimento da escrita pelos Sumérios) – 476 (Queda do Império Romano do Ocidente).

<sup>2</sup> Idade Média: 476 – 1473 (tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos).

<sup>3</sup> Idade Moderna: 1473 – 1789 (Revolução Francesa).

<sup>4</sup> Idade Contemporânea: 1789 – actualidade.

fascismo. Esta época também acolheu paradigmas mais recentes, como o relativista e o epistemológico. Neste particular, sobressaem autores como Paul Feyerabend e Thomas Kuhn, cuja obra se evidenciou acima: quando Kuhn defende que o conhecimento científico evolui por via das revoluções científicas e Feyerabend alega a importância do pluralismo da ciência neste contexto, significa, pois, que os territórios e os respectivos patrimónios culturais são elementos a ter em conta no desenvolvimento do conhecimento. Com o advento da globalização (em particular, depois da II Grande Guerra) surgiram novos desafios e novas oportunidades. Destacaram-se aqueles relacionados com a salvaguarda do património material e imaterial, o que conduziu à criação da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1945).

Para finalizar, importa afirmar que estamos actualmente a viver uma época de grandes mudanças, resultado de um extraordinário avanço tecnológico. A Internet, as redes sociais e a inteligência artificial estão a configurar uma nova realidade. As tradições locais são mais fáceis e rapidamente conhecidas globalmente. Mas o risco de descaracterização ou de extinção também aumenta. Isso intensifica a tensão e, concomitantemente, a delicadeza de conseguir harmonizar a salvaguarda com a necessidade de adequação. Como reacção, instituições com responsabilidades governamentais de várias ordens, procuram implementar políticas de sustentabilidade cultural criando, por exemplo, sistemas de incentivos para as práticas tradicionais (Ex: PDR 2020, Operação 7.6.1. Culturas Permanentes Tradicionais e PRR PT2030 - Património Natural e Cultural) e promovendo o ensino das mesmas nas escolas. Este é o caso do ensino do cante alentejano, acompanhado pela viola campaniça, nas escolas, actividade iniciada no Baixo Alentejo, mais precisamente no concelho de Almodôvar, desde 2007, pelo músico e cantador Pedro Mestre (Figura 3). (PDR2020, s/d)

Figura 3: Pedro Mestre a cantar com crianças



Fonte: <https://www.noticiasmagazine.pt/2015/o-cante-de-pedro/estilos/familia/9851/>

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

---

Elden, S. (2016). Terra, terreno, território, *Geografares* [Online]. M. J. Mendonça (Trad.). <http://journals.openedition.org/geografares/12072>

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. P. Dentzien (trad.). Jorge Zahar Ed. <https://posgradsoc.ufc.br/wp-content/uploads/2021/11/giddens-anthony.-modernidade-e-identidade.-1.pdf>

Rodrigues, S., Santos, A. L., Rola, A., Morais, C., Vasconcelos, C., Gomes, E., Rodrigues, I. & Azevedo, J. (2021). *História da Ciência no Ensino: revisitando abordagens, inovando saberes. Uma Introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/94992>

# -Seminário III. MODERNIDADE E INOVAÇÃO

## OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

1. Perceber que, no presente, a modernidade e a inovação são componentes essenciais na transformação das sociedades, particularmente impelidas pelas invenções, pelos avanços tecnológicos e pelas consequentes alterações sociais.
2. Entender que estas transformações exercem uma acção e uma influência recíproca nos territórios, interferindo com a sua identidade cultural, instigando-a a fazer adaptações às novas realidades e contextos (económicos, sociais e ambientais).
3. Compreender que as transformações territoriais são especialmente impulsionadas pelas invenções ou avanços tecnológicos e pela modernidade *per si*, e configuram um mundo cada vez mais conectado, onde a inclusão e a competitividade territorial sustentável assumem peculiar importância.
4. Constatar que, num mundo em constante mudança, a relação entre a modernidade e a inovação está relacionada com a História e a Filosofia da Ciência, na medida em que foram as revoluções tecnológicas e os novos paradigmas científicos que sustentaram novas formas de organização social, e que esta relação pode integrar o conhecimento proveniente da tradição, tendo como fim o desenvolvimento cultural e territorial sustentável.

## CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- Modernidade, Invenções Tecnológicas e Mudança Social à Escala Local numa Óptica de Sustentabilidade

- Harmonia entre a Tradição e a Inovação com vista ao Desenvolvimento Sustentável
- A Modernidade e a Inovação na História e Filosofia da Ciência

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- Modernidade, Invenções Tecnológicas e Mudança Social à Escala Local numa Óptica de Sustentabilidade
- Harmonia entre a Tradição e a Inovação com vista ao Desenvolvimento Sustentável
- A Modernidade e a Inovação na História e na Filosofia da Ciência

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

As sociedades contemporâneas são incentivadas pelas transformações tecnológicas e pelas mudanças sociais. Logo, a modernidade e a inovação têm um papel determinante na sua modificação. Todavia, os processos transformadores das sociedades desenrolam-se num espaço “vivo”, num território, provocando e pondo à prova a sua identidade cultural, instigando-a a um trabalho de adaptação aos novos contextos. Este esforço de adequação alarga-se e complementa-se, naturalmente, a aspectos económicos, sociais e ambientais.

É sabido que as novas tecnologias decorrentes da digitalização – refira-se, a título de exemplo, as tecnologias verdes (p.e. automação e soluções tecnológicas para redução do uso de papel com documentos impressos) e as tecnologias emergentes (p.e. Internet das coisas) – potenciam o desenvolvimento sustentável dos territórios, ao permitirem a sua mais eficaz e eficiente adaptação aos desafios da globalização. É também o caso das *smart cities*, ou cidades inteligentes. Estas, ao investirem em tecnologia para melhorar a gestão autárquica, possibilitam que os seus habitantes possam fruir de uma melhor qualidade de vida, assim como contribuem para tornar os espaços mais sustentáveis. Em Portugal podem-se referir os casos de Aveiro (<https://www.aveirotechcity.pt/pt>) ou de Leiria (<https://smart-cities.pt/scn-municipios/leiria-2024-25-7-2024/>).

Apesar dos evidentes benefícios, há que ter em conta que as tradições locais são a base da identidade cultural dos municípios e não podem ser sacrificadas em prol do progresso, mas antes devem fazer parte dele, num perfeito equilíbrio entre o passado e o presente. Leiria, ao requalificar o seu Mercado Municipal, instalando uma incubadora e aceleradora de empresas no mesmo edifício, fez bandeira deste propósito ( <https://smart-cities.pt/scn-municipios/leiria-2023-2-2/>).

Assim, a incorporação harmoniosa da inovação tecnológica e social no território, a nível local, valorizando-o, exige a criação e o desenvolvimento de políticas públicas que se preocupem com estas matérias. Em Portugal, a Rede de Aldeias Históricas

(<https://aldeiashistoricasdeportugal.com/>) é um exemplo de revitalização do património cultural através da inovação tecnológica e social. Também a Comissão Europeia desenvolveu o conceito de “Smart Villages”, aplicado às áreas rurais (<https://www.rederural.gov.pt/centro-de-recursos/send/5-diversificacao/1901-smart-villages-concept-issues-and-prospects-for-eu-rural-areas>). Apesar de não existir uma definição com suporte legal na União Europeia para “aldeia inteligente”, o objectivo é identificar elementos distintivos, incluir a participação da comunidade local em todo o processo, no sentido de conseguir melhorar as suas condições, fazendo uso das tecnologias e dos meios digitais.

Ao longo dos tempos, foi a resiliência do Homem, a sua insistência em fazer perguntas e em procurar desenvolver e fazer melhor, afinal, o avanço científico, tal como as conseqüentes revoluções tecnológicas, que definiram os contornos da sociedade moderna. Como tal, esta é uma temática à qual a História e a Filosofia da Ciência nunca poderiam ser alheias.

O estudo deste tema revela-se altamente pertinente quando se pretende estudar o desenvolvimento territorial sustentável, na medida em que explica a inter-relação entre os avanços tecnológicos, económicos e sociais e a gestão estratégica, consciente e responsável, dos recursos do território. O propósito será encontrar um equilíbrio, a base de um compromisso entre gerações, condição *sine qua non* para assegurar que entregamos aos nossos descendentes, um planeta (incluindo o seu ambiente, como também outras dimensões essenciais da vida humana) globalmente mais estável, harmonioso e íntegro.

Neste enquadramento, o repto que se coloca à modernidade é a relação equilibrada entre inovação e tradição: como consegui-la, conhecer e saber escolher quais os instrumentos ou ferramentas que melhor a viabilizam. Afinal, e reitera-se, essa relação de harmonia é a única forma de os territórios atingirem o seu desenvolvimento sustentável, por via da coesão social, sem que percam as suas referências, a sua identidade cultural.

## DESENVOLVIMENTO

---

- **Modernidade, Invenções Tecnológicas e Mudança Social à Escala Local numa Óptica de Sustentabilidade**

Heraclito afirmou que não nos podemos banhar duas vezes no mesmo rio. Efectivamente, desde o tempo dos gregos que se tem conhecimento de que a sociedade está em constante mudança.

Jurgen Habermas, no ensaio “Modernidade: um projecto inacabado” (2017 [1981]),<sup>1</sup> refere que foi em finais do século V que aparece pela primeira vez o termo “moderno”, para demarcar o presente cristão do passado pagão romano. Ou seja, surgiu uma expressão que marcou a consciência de uma época, que se pretende auto conhecer na relação com o passado, ou na passagem do “velho” para o “novo”.

Assim foi, e assim continua a ser: a história da humanidade está pejada de ciclos, de dimensão experiencial, em que se manifestam oposições entre os que defendem a excelência dos tempos antigos e os que argumentam a superioridade do tempo presente. Por isso, a modernidade será um projecto inacabado, tal como argumenta Habermas, na medida em que os ideais da Revolução Francesa e do Iluminismo, assim como a comunicação democrática entre as pessoas, tenderão a ser reassumidos - se bem que reiteradamente restaurados - de acordo com a evolução dos tempos.

Quando se pretende definir “inovação” surgem duas visões a considerar:

- A primeira, de carácter linear e centrada na figura do empreendedor individual, foi promovida pelo economista Joseph Schumpeter, e remete para a empresa e para o desenvolvimento de carácter económico: a) a mudança tecnológica apresenta três fases – invenção (criação de uma técnica, de um processo ou de um produto original), seguida da inovação (quando é feita a aplicação comercial da invenção) que, por sua vez, é

---

<sup>1</sup> Habermas: Modernidade um projecto inacabado

<https://pt.scribd.com/document/360048217/Habermas-ModernidadeInacabada>

seguida da difusão (processo de comunicação da inovação, num período de tempo, as membros de um grupo); b) o empresário procura constantemente novas fontes de lucro e, por isso, anda sempre à busca de alguma coisa nova, que rompa com o estabelecido e origine novos pressupostos. Como é a obtenção do lucro que faz movimentar este processo, ele torna-se cíclico, na medida em que os empresários competem entre si, imitando o existente e criando outras e novas soluções continuamente (conceito de destruição criativa e relação modernidade e inovação);

- A segunda, enquadrada numa visão mais sociológica, defendida nomeadamente por Michel Callon, Bruno Latour e Madeleine Akrich (2002)<sup>2</sup>, ao contrário desta visão de empreendedorismo individual, advoga que a inovação não está centrada no indivíduo, mas é antes resultado de uma acção colectiva. Estes autores consideram que quando o mercado e a tecnologia se juntam e as invenções se transformam em inovações, elas resultam de um trabalho colectivo e não apenas de uma pessoa, por mais empenhada e conhecedora que esta possa ser. Qualidades individuais como a intuição, a capacidade de antecipação, a habilidade e a mestria, devem ser vivamente aproveitadas, mas refundidas de acordo com as peculiaridades e o perfil da organização. Tornam-se, assim, predicados do colectivo, da organização onde, obviamente, o comando e a gestão da mesma assumem uma relevância crucial. Neste sentido, uma organização que se queira inovadora deve estimular as trocas, as interações e as consequentes e necessárias adaptações entre o “antigo” e o “novo” (relação inovação e modernidade), visíveis, tanto na transformação, como na continuidade.

É sabido que as invenções tecnológicas provocam mudanças sociais que geram impacto no território; por sua vez, a modernidade é associada a mudanças sociais relevantes. Resultado do fenómeno de desenvolvimento das telecomunicações e da globalização, o conhecimento, assim como o contacto entre as pessoas, foi

---

2

[https://www.researchgate.net/publication/313525521\\_The\\_Key\\_to\\_Success\\_in\\_Innovation\\_Part\\_I\\_The\\_Art\\_of\\_Interessement\\_-\\_Part\\_II\\_The\\_Art\\_of\\_Choosing\\_Good\\_Spokespersons](https://www.researchgate.net/publication/313525521_The_Key_to_Success_in_Innovation_Part_I_The_Art_of_Interessement_-_Part_II_The_Art_of_Choosing_Good_Spokespersons)

facilitado, e os territórios passaram a competir entre si. Recordar-se que já na década de 60, o visionário Marshall McLuhan falava da “aldeia global” e “a mensagem é o meio”. Hoje, na era digital em que vivemos, esta afirmação torna-se altamente significativa: a Internet, ao permitir as redes sociais, os blogs e os podcasts, mudou o mundo; o Twitter, ao limitar caracteres, obriga os seus utilizadores a serem concisos, enquanto o Instagram, por ser visual, favorece as imagens.

O espaço digital tem, assim, uma presença cada vez maior no quotidiano das pessoas, seja em casa, no trabalho, em qualquer lugar. Daí, uma das maiores autoridades académicas mundiais quando o assunto é o impacto das tecnologias da informação na sociedade, o sociólogo Manuel Castells, (1996)<sup>3</sup>, ter criado o conceito de “sociedade em rede” para expressar a forma como entende o impacto das tecnologias (na altura, emergentes) na economia e na sociedade.

Nas sociedades em rede a exclusão social deriva, em parte, da exclusão digital. Um território só pode ser competitivo se for inclusivo nesta matéria, ou seja, se assegurar o acesso à tecnologia e à educação para todos, o que converte a inclusão numa exigência que está para além da justiça social: é um requisito para o desenvolvimento sustentável.

Este autor também introduz o conceito de “sociedades informacionais” para classificar casos em que o desenvolvimento tecnológico sustenta a produção económica e as relações sociais. Refere o exemplo maior da Finlândia, com a sua longa história de alfabetização mediática, ao longo da vida, onde a informação é vista como um elemento facilitador de bem-estar social, de inclusão territorial e de fortalecimento da sua identidade. O Instituto Nacional de Audiovisual da Finlândia<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> A sociedade em Rede: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>.

A obra-prima de Manuel Castells é A Era da Informação, uma trilogia publicada ao longo da década de 1990 dividida em: A Sociedade em Rede (1996), O Poder da Identidade (1997) e Fim de Milênio (1998). No amplo estudo, Castells cunha o termo “TICs” (Tecnologias da Informação e Comunicação) e aborda como sua evolução moldou uma nova forma de sociedade. Passamos de um capitalismo industrial para um capitalismo informacional, em que as TICs têm grande influência nas relações de trabalho e na produção. Da mesma forma, as relações sociais e a cultura passam a ocorrer nesse novo espaço, estruturado em redes de informação.

<sup>4</sup> <https://kavi.fi/en/>

é uma agência governamental do Ministério da Educação e da Cultura cujas funções passam pela promoção e pelo desenvolvimento da educação mediática.

Importa enfatizar que as inovações tecnológicas, nomeadamente a digitalização, podem constituir uma ajuda preciosa para proporcionar o acesso e a valorização do património cultural, material e imaterial. A inovação, a modernidade e a tradição podem ser harmonizáveis, mediante um diálogo de equilíbrio, conciliador, que procure soluções locais com impacto global, antecipadamente conhecedor de que é, ou de que pode ser, fonte de coesão social e de fortalecimento da identidade territorial: em sede de planeamento territorial sustentável, se a inovação pode potenciar a continuidade e a renovação das tradições, impedindo a sua cristalização, a tradição pode contribuir com a sua capacidade de superar situações adversas, encontrando soluções firmes, mas também elásticas, na medida da sua adaptabilidade aos desafios do presente.

#### ▪ A Modernidade e a Inovação na História e na Filosofia da Ciência

A modernidade compreende transformações muito consideráveis, seja: i) na maneira como a realidade é percebida, como são avaliadas as circunstâncias, assim como o respectivo valor das mesmas, na vida das pessoas (formas de pensar); ii) no modo de organizar informações para explicar ou dar sentido ao mundo e às coisas (produzir conhecimento); iii) na forma como uma sociedade estruturada é organizada e o papel que cada um recebe nesse contexto (organizar a sociedade).

Um dos acontecimentos mais importantes da Idade Moderna é a designada Revolução Científica (Sec. XVI-XVIII). No seguimento do espírito crítico vindo do Renascimento, o conhecimento para ser acreditado, carecia de ser confirmado pela experiência e pela razão. Esta nova abordagem para a aquisição do conhecimento – método científico -, recorria a novas tecnologias (caso do telescópio) para ver e testar aquilo que, até à altura, não havia sido visto. Assim surgiu uma nova forma de entender o mundo, sustentada na observação empírica, e a ciência, um conhecimento mais estruturado e mais prático.

Mais recentemente, Thomas Kuhn no livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” (1998 [1962])<sup>5</sup>, fala de uma “revolução historiográfica no estudo da ciência” que se inicia quando os historiadores da ciência começam a colocar outra espécie de questões, considerando linhas diferentes de análise, muitas vezes “não-cumulativas”, o que o faz considerar que talvez a ciência moderna não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais, mas antes resulte da integridade histórica daquela ciência, a partir da sua própria época. Deste modo, Kuhn defende que a ciência moderna não pode ser entendida como um processo linear de progresso; pelo contrário, implica alteração ao nível dos paradigmas o que, por sua vez, exige remodelar a forma como o conhecimento é produzido e aplicado.

Por outro lado, o filósofo Karl Popper (1972 [1934])<sup>6</sup> também debateu o impacto dos métodos científicos na sociedade. Conhecido por defender o princípio da falseabilidade, uma teoria só poderia ser considerada científica na medida em que fosse falseável, por outras palavras, quando fosse possível prová-la como falsa. Em seu entender, a ciência progride com a eliminação de erros das teorias falsas na medida em que a ciência procura a eficácia, assim como a verdade como padrão a ser alcançado. Como tal, para este autor, o que não é falseável, não é científico.

Esta visão releva a importância da crítica constante para reavaliar, corrigir e actualizar. Este é um princípio medular da inovação moderna, fundamental para o avanço científico e tecnológico, já que promove a procura de melhores soluções e respostas mais inclusivas para os problemas sociais.

Assim, em contexto da História e da Filosofia da Ciência, a inovação, entendida como um processo de criação e de transformação, está visceralmente ligada à modernidade, realizando um diálogo, uma reflexão ética e filosófica permanente, entre a continuidade e a ruptura.

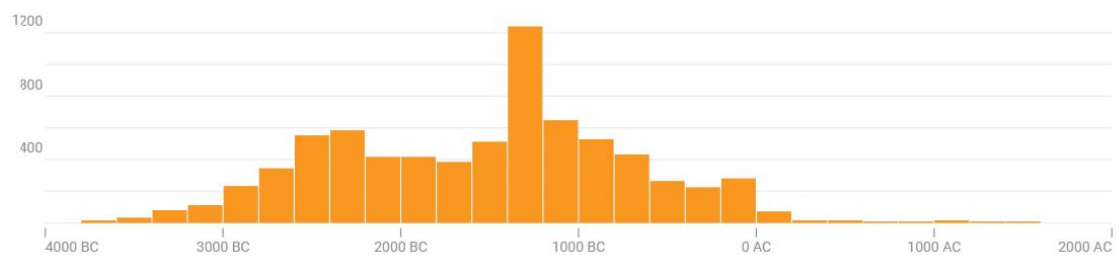
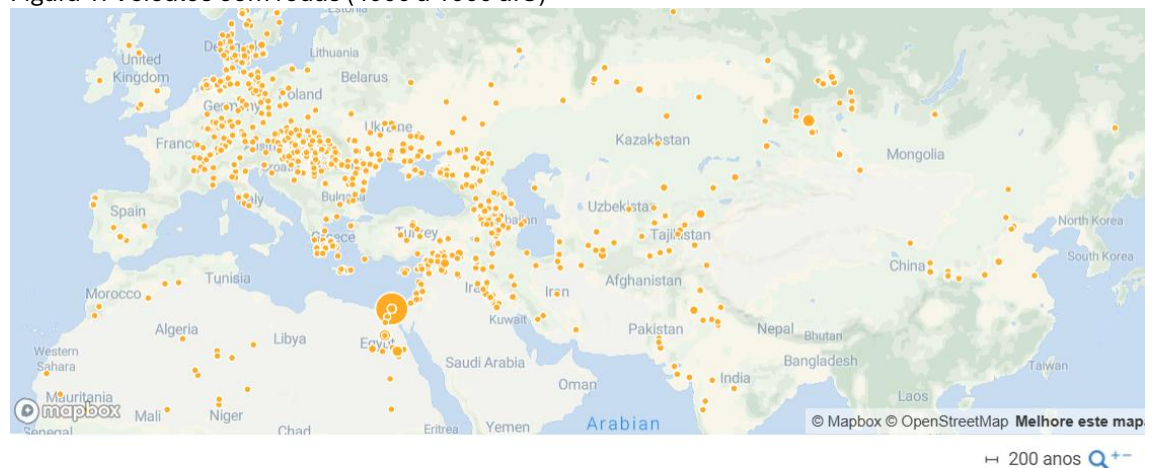
---

<sup>5</sup> [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4103727/mod\\_resource/content/1/Kuhn-Estrutura-das-revolucoes-cientificas%201989.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4103727/mod_resource/content/1/Kuhn-Estrutura-das-revolucoes-cientificas%201989.pdf)

<sup>6</sup> <https://ocondedemontecristo.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/05/popper-karl-a-logica-da-pesquisa-cientifica.pdf>  
POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica* São Paulo: Cultrix, 1972.

No presente, esta confluência é visível em diversas áreas. No que respeita à interação com a Ciência da Computação, destaca-se o exemplo do projecto “Digital Atlas of Innovations” desenvolvido pelo Instituto Max Planck de História da Ciência (MPIWG). Este Instituto, com sede em Berlim, é um dos mais de 80 institutos de pesquisa administrados pela Sociedade Max Planck. Dedicar-se ao estudo da história da ciência e tem por objectivo compreender o pensamento e a prática científica enquanto fenómenos históricos (<https://www.mpiwg-berlin.mpg.de/project/digital-computational-history>). Este projecto em particular, resultado da cooperação com o Excellence Cluster Topoi e o Deutsches Archäologisches Institut, apresenta as diversas inovações técnicas e sociais no início da história da humanidade, em mapas dinâmicos (Figura 1) (<https://atlas-innovations.de/en/>)

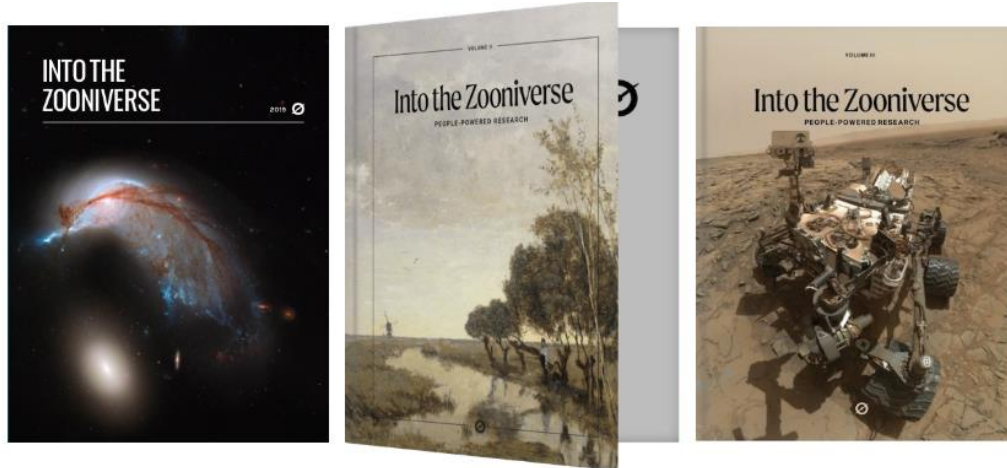
Figura 1: Veículos com rodas (4000 a 1000 a.C)



Fonte: F. Klimscha, “Veículos com rodas.” Em: S. Hansen, J. Renn, F. Klimscha & J. Büttner, O Atlas Digital de Inovações. Berlim 2012–2017 (<https://atlas-innovations.de/en/>)

Com enquadramento na Ciência Cidadã<sup>7</sup> e no Crowdsourcing<sup>8</sup>, pode-se referir a maior plataforma de pesquisa do mundo alimentada por voluntários anónimos, o que facilita a obtenção de resultados reais quanto a pesquisas que poderiam ser quase impossíveis de realizar: a Zooniverse (Figura 2) (<https://www.zooniverse.org/>).

Figura 2. Alguns dos livros concebidos a partir de uma seleção de projetos activos na plataforma Zooniverse, por ano



Disponível para compra em [Blurb.com](https://www.blurb.com) ⓘ

Fonte: <https://www.zooniverse.org/about#contact>

<sup>7</sup> Ciência Cidadã envolve a participação pública e voluntária na investigação científica (<https://www.cienciacidadada.pt/p/citizen-science>)

<sup>8</sup> Crowdsourcing refere-se à construção partilhada e colectiva de conhecimento (<https://liga.ventures/insights/artigos/crowdsourcing-o-que-e-beneficios-e-exemplos-para-voce-se-inspirar/>). A Wikipedia é também um bom exemplo.

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

---

Akrich, Madeleine & Callon, Michel & Latour, Bruno. (2002). The Key to Success in Innovation Part I: The Art of Interessement – Part II: The Art of Choosing Good Spokespersons. *International Journal of Innovation Management*. 6. 187-225  
[https://www.researchgate.net/publication/313525521\\_The\\_Key\\_to\\_Success\\_in\\_Innovation\\_Part\\_I\\_The\\_Art\\_of\\_Interessement\\_-\\_Part\\_II\\_The\\_Art\\_of\\_Choosing\\_Good\\_Spokespersons](https://www.researchgate.net/publication/313525521_The_Key_to_Success_in_Innovation_Part_I_The_Art_of_Interessement_-_Part_II_The_Art_of_Choosing_Good_Spokespersons)

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. Roneide Majer (trad.), (6ª ed.). Paz e Terra.  
[https://www.fafich.ufmg.br/ppgs/wp-content/uploads/2020/09/1-CASTELLS-Manuel.-Pr%C3%B3logo\\_-a-rede-e-o-ser...-pp-39-a-66\\_compressed.pdf](https://www.fafich.ufmg.br/ppgs/wp-content/uploads/2020/09/1-CASTELLS-Manuel.-Pr%C3%B3logo_-a-rede-e-o-ser...-pp-39-a-66_compressed.pdf)

Habermas, J (2013). *A Modernidade: Um Projecto Inacabado*. Nova Vaga.  
<https://pt.scribd.com/document/354449259/Habermas-Modernidade-Um-Discurso-Inacabado>

# **-S**eminário **IV**. **COEXISTÊNCIA E EQUILÍBRIO** **ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE**

## **OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM**

1. Perceber o que é que a tradição oferece à modernidade e o que é que a modernidade aporta à tradição.
2. Compreender a importância da existência de um diálogo que promova a harmonia entre a tradição e a modernidade, quando se objectiva o desenvolvimento por via da sustentabilidade.
3. Entender a importância da harmonização entre o conhecimento antigo e as novas descobertas, ou seja, a coexistência e o equilíbrio entre tradição e modernidade na História e Filosofia da Ciência, ilustrando a exposição com alguns exemplos.

## **CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

- O que a Tradição confere à Modernidade e o que a Modernidade confere à Tradição
- Harmonia entre Tradição e Modernidade com vista ao Desenvolvimento Sustentável
- A Coexistência e o Equilíbrio entre a Tradição e a Modernidade na História e Filosofia da Ciência

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- O que a Tradição confere à Modernidade e o que a Modernidade confere à Tradição
- Harmonia entre Tradição e Modernidade com vista ao Desenvolvimento Sustentável
- A Coexistência e o Equilíbrio entre a Tradição e a Modernidade na História e Filosofia da Ciência

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

A inter-relação entre tradição e modernidade é abordada em diversos estudos, sejam de índole antropológica, cultural ou histórica.

Estudar a coexistência entre a tradição e a modernidade é relevante e oportuno na medida em que ajuda a preservar a identidade cultural dos povos, num mundo globalizado, nomeadamente, ao auxiliar o entendimento das alterações culturais, assim como de vários aspectos relativos ao comportamento das identidades dos povos, dos países, na actualidade.

Ao desvendar as múltiplas, difíceis e melindrosas dinâmicas sociais, económicas e culturais que talham os territórios e as sociedades actuais, estes estudos preocupam-se em averiguar a forma como os materiais tradicionais se podem modificar, como lhes pode ser dada uma nova interpretação e como existem, juntamente e ao mesmo tempo, com elementos modernos, num mundo em constante e rápida transformação, dando origem a soluções inovadoras baseadas em saberes tradicionais. Logo, esta discussão situa-se muito para além do debate trivial que opõe o “velho” ao “novo” ou o “antigo” ao “moderno”, facilitando-nos pistas para compreender os desafios do mundo presente, assim como as oportunidades que dele resultam. Reitera, deste modo, a relevância, o interesse e o valor, tanto do diálogo entre continuidade e mudança, como de um progresso arreigado nos valores locais, se bem que ajustado às características e necessidades da procura global.

Esta ideia conduz-nos naturalmente a aspectos relacionados com o desenvolvimento cultural e territorial sustentável e, neste contexto, à importância de encontrar formas de incorporar as práticas e os saberes tradicionais quando se pretendem criar soluções modernas, que permitam potenciar valor ao património cultural, acautelar a uniformização e estimular a diversidade. A gastronomia e o vinho, o artesanato, as festas e romarias, etc., podem ser elementos constituintes dos planos de marketing territorial e, assim, assumirem-se enquanto factores

potenciadores do turismo e da economia que valoriza a criatividade, a inovação e a cultura como principais motores de desenvolvimento (economia criativa).

Marshall Berman, no livro “Tudo o que é sólido desmancha no ar” (1986 [1982])<sup>1</sup>, um estudo sobre a dialética da modernização e do modernismo, defende claramente que os modernistas não poderão, jamais, romper com o passado; antes, necessitam “continuar para sempre assaltados por ele”, recriando-o à medida que refazem o seu mundo e a si próprios.

Também Thomas Kuhn, no livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” (1998 [1962]), debate esta articulação, corroborando-a na sua análise das revoluções científicas, ao enfatizar que as mudanças resultantes de uma revolução científica nunca são totais e que, nesse sentido, a ciência pós-revolucionária inclui, em grande parte, as mesmas manipulações, realizadas com as mesmas ferramentas e com as mesmas descrições, da ciência que a antecedeu e que ele intitula, pré-revolucionária. A tradição é, deste modo, uma invenção que surgiu algures no passado, podendo ser alterada, alhures, no futuro. Ressalva, contudo, que as tradições mudam, mas há algo quanto à sua noção, que implica persistência: se uma crença ou uma prática for efectivamente tradicional, assume uma integridade e uma continuidade tais, que tende a sobreviver às adversidades e às transformações.

A este propósito, Eric Hobsbawm e Terence Ranger, em “A Invenção das Tradições” (1997 [1983])<sup>2</sup>, defendem que as tradições tendem a ser “inventadas” quando se verificam mudanças muito grandes e muito rápidas, em várias frentes, que afectam a sociedade. Particularizando os seguintes casos: i) quando uma mudança social fere ou aniquila os padrões sociais que acolhem as “velhas tradições”, gerando novos padrões com os quais essas tradições são totalmente discordantes; ii) quando as velhas tradições, assim como os seus promotores e divulgadores institucionais, perdem a flexibilidade necessária que os impulsiona a encontrar

---

<sup>1</sup> [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod\\_resource/content/1/BERMAN-Marshall-Tudo-o-Que-e-solido-Desmancha-No-Ar.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod_resource/content/1/BERMAN-Marshall-Tudo-o-Que-e-solido-Desmancha-No-Ar.pdf)

<sup>2</sup> <https://pt.slideshare.net/slideshow/a-invencao-das-tradicoes-eric-hobsbawmpdf/256145923>

formas de adaptação; iii) quando são, simplesmente, eliminadas, por um qualquer factor externo e incontrolável.

Ao longo dos anos, são muitos os exemplos da coexistência entre tradição e modernidade, aportando benefícios para ambos os lados. Mais recentemente, o discurso centra-se em particular na preservação da identidade cultural, na coesão social e no desenvolvimento cultural e territorial sustentável. Na gastronomia, movimentos globais como o Slow Food<sup>3</sup> defendem e disseminam uma visão política e filosófica opostas à massificação e à padronização do Fast Food, valorizando o produto, o produtor e o meio ambiente, e “garantindo alimentos bons, limpos e justos para todos”, o que envolve uma revisitação dos métodos tradicionais. Este movimento, para além de ter por objectivo ser mais saudável, robustece as economias regionais, fomenta a sustentabilidade e a coesão social.

Também é interessante dar nota de plataformas digitais, na área do artesanato, como é o caso da Etsy<sup>4</sup> que se assumem como “comércio humanizado”, dando oportunidade a que qualquer artesão possa vender num mercado global “peças feitas à mão, únicas e verdadeiros tesouros vintage”.

Similarmente, na área da formação é possível encontrar exemplos desta concertação: o ensino do mirandês em algumas escolas públicas, como disciplina opcional, após a língua ter sido reconhecida como língua oficial em Portugal (1999) ou o ensino do cante alentejano, do tocar a viola campaniça e da sua construção, também disciplina opcional. inserida em algumas escolas do Baixo Alentejo.

Assim, a tradição e a modernidade são faces de uma mesma moeda, partes de um processo dialético, cujo equilíbrio é determinante para a construção de uma sociedade sustentável, resiliente e inclusiva: a tradição assegura a continuidade, através da transmissão dos conhecimentos, práticas, símbolos e valores antigos, (alicerces da identidade cultural e da coesão social); a modernidade, por sua vez, altera, reinterpreta, reinventa e torna acessíveis globalmente esses elementos,

---

<sup>3</sup> <https://www.slowfood.com/pt-pt/faca-parte-da-mudanca/sou-um-ativista-slow-food/>

<sup>4</sup> <https://www.etsy.com/pt/about>

através de um processo de adaptação às novas necessidades contextuais do presente.

## DESENVOLVIMENTO

---

- O que a Tradição confere à Modernidade e o que a Modernidade confere à Tradição

Pretendeu-se demonstrar, até agora, que a tradição não é aquela parte da vida social constituída por práticas e por imagens, permanente e inalterável, que se transmite, continuamente, às gerações vindouras. Também não é o polo oposto – o pólo negativo - do progresso, ao qual correspondem as representações sociais do passado, em oposição às do presente e às do futuro; e/ou o colectivo, por oposição ao individual; e/ou o inconsciente e o emocional, em oposição ao consciente e ao racional. Esta perspectiva dicotómica legitimou movimentos colonialistas cujo propósito se confundia com “levar o progresso às sociedades tradicionais”, “atrasadas” e “selvagens”.

A dada altura, a tradição ganhou uma dimensão operacional e o seu conceito granjeou consolidação em diversas áreas da vida social: deixou de ser percebida como um residual do passado, e passou a ser entendida como uma forma de fomentar a coesão social e, também, de legitimação de certos poderes resultantes das revoluções/alterações operadas. Foi, neste contexto, que surgiu o conceito de “tradição inventada”, já antes mencionado.

A tradição e a modernidade são, pois, complementares, num ciclo dinâmico, ininterrupto, de modificações e renovações.

Destacam-se duas importantes ajudas que a tradição presta à modernidade:

- a) Elementos basilares, indispensáveis, com vista à preservação da identidade cultural em contextos de globalização. Aqueles, asseguram igualmente uma ligação com o passado, e reflectem a legitimidade para defrontar as incertezas do presente. O “substrato cultural” ao qual Hobsbawn se refere no livro “Invenção da Tradição” (1997 [1983]) e ao qual Anthony Giddens, em

“As Consequências da Modernidade” (1991 [1990])<sup>5</sup> confere o papel de estabilizador em tempos de mudança.

O casamento da infanta Maria Francisca de Bragança - a terceira na linha de sucessão ao trono português, caso o País vivesse num regime monárquico –, que ocorreu no dia 7 de Outubro de 2023, foi transmitido em directo pelo canal televisivo TVI e foi, segundo anunciado, “o programa mais visto do dia” (Figura 1). Este é um exemplo paradigmático da avidez da população quanto ao contacto com elementos identitários, facilitado através do recurso a tecnologias modernas. Já o casamento do Príncipe William de Gales e de Catherine Middleton foi um evento britânico (regime monárquico, é certo) de proporções mundiais, tendo tido uma audiência que se estima de 2,5 bilhões de pessoas.

Figura 1. Maria Francisca de Bragança com o pai, D. Duarte



Fonte: <https://caras.pt/realeza/2023-10-07-maria-francisca-sorridente-e-descontraida-no-dia-do-seu-casamento/>

<sup>5</sup> <https://pt.slideshare.net/slideshow/anthony-giddens-as-consequencias-da-modernidade-250299405/250299405>

- b) Um impulso e um incentivo para a inovação, ao dar respostas inovadoras sustentadas na sabedoria popular e tradicional.

Um exemplo é a reinterpretação moderna das tradicionais cabanas da Nova Zelândia: o Adventure Whare Retreat (Figura 2), uma ampla, deslumbrante e sustentável casa tradicional, com um toque moderno e contemporâneo, localizada em Castle Hill Village<sup>6</sup>

No livro “Tudo o que é sólido desmancha no ar” (1997 [1983])<sup>7</sup>, Marshall Berman já defende esta ideia. Ele argumenta que, na década de 70, altura em que o dinamismo da economia e da tecnologia modernas davam sinais de começar a colapsar, quando a sociedade parecia ter perdido a capacidade de criar “um admirável futuro novo”, os modernos não podiam permitir a destruição das referências do passado e do presente, movidos pela vontade de criar um mundo novo, a partir do nada; perceberam, pois, que tinham de chegar a um acordo com o mundo que tinham “em mãos” e começar a trabalhar com ele, e a partir dele. Ao modernismo exigia-se novas ideias resultantes de encontros criativos com o passado, adaptando-os a novos contextos e viabilizando assim a continuidade da sua relevância.

---

<sup>6</sup> <https://thelocalproject.com.au/articles/adventure-whare-by-studio-well-project-feature-the-local-project/>

<sup>7</sup> [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod\\_resource/content/1/BERMAN-Marshal-Tudo-o-Que-e-solido-Desmancha-No-Ar.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod_resource/content/1/BERMAN-Marshal-Tudo-o-Que-e-solido-Desmancha-No-Ar.pdf)

Figura 2- Adventure Whare Retreat



Fonte: <https://thelocalproject.com.au/articles/adventure-whare-by-studio-well-project-feature-the-local-project/attachment/adventure-whare-by-studio-well-project-feature-the-local-project-image-2/?parent=310306>

A modernidade, por sua vez, pode assegurar a sobrevivência cultural dos elementos tradicionais, garantindo a sua continuidade, num mundo em constante e rápida transformação. Marcada por aspectos como a inovação tecnológica, a racionalidade e a globalização, a modernidade pode, assim, reanimar e revigorar as tradições, resignificando-as e acomodando-as às actuais circunstâncias.

Vejam-se apenas dois, dos múltiplos e diferentes exemplos, em áreas distintas, desta resignificação:

- a) Na saúde: em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o uso de medicina tradicional no desenvolvimento de novas terapêuticas e busca de potenciais tratamentos contra o COVID-19<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> <https://www.afro.who.int/pt/news/oms-apoia-medicina-tradicional-comprovada-cientificamente>

- b) Na música: tanto o *Jazz* como o *Hip Hop* são géneros musicais que surgiram nos Estados Unidos, no século XX, e que resultam da fusão de elementos de diversas tradições musicais com experimentações modernas (Figura 3).

Figura 3: Louis Armstrong (1901-1971) ou o "rei do Jazz"



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/jazz/>

▪ Harmonia entre Tradição e Modernidade com vista ao Desenvolvimento Sustentável

A harmonia ou o equilíbrio entre a tradição e a modernidade é, pois, um desafio para as sociedades do presente, e depende de múltiplos factores, ligados entre si.

A sua operacionalidade, eficaz e eficiente, é consequência, nomeadamente: i) da existência de condições/ideias/valores facilitadores, criados ou adoptados, que sirvam de inspiração e princípio à organização social (mecanismos institucionais e os órgãos de governança dos territórios); ii) de elementos práticos relativos às atitudes e actuações dos diferentes actores sociais que, no terreno, participam neste processo e funcionam como agentes desse equilíbrio.

Este trabalho começa com a vontade e a aptidão para incorporar os valores e as práticas tradicionais à modernidade, preservando a essência e o sentido da identidade cultural colectiva. Isso implica tolerância e versatilidade, numa perspectiva plural e inclusiva. Naturalmente, o apoio institucional e, em particular, as políticas públicas, são essenciais neste processo: a promoção das inovações tecnológicas e da economia deve ser feita paralelamente com a criação de ferramentas e de acções de protecção do património cultural. Mais uma vez se destaca o papel da UNESCO e da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003)<sup>9</sup>, ao considerar a importância do património cultural imaterial, enquanto o principal gerador da diversidade cultural e garante do desenvolvimento sustentável.

Os autores anteriormente citados - Anthony Giddens (reflexividade moderna), Eric Hobsbawm (reinvenção da tradição) e Marshall Berman (modernidade criativa) – sustentam esta posição.

Mas, a harmonia entre a tradição e a modernidade é muito mais do que uma condição, e não acontece de forma natural e imediata. Pelo contrário, exige uma negociação contínua. Não podemos esquecer que cada sociedade tem a sua própria história e convive com necessidades muito distintas.

Neste panorama assumem particular importância alguns imperativos, assim como um conjunto de elementos que podem exercer uma função facilitadora desse equilíbrio, como sejam:

- a) Políticas públicas que visem valorizar e preservar práticas culturais, assim como fomentar a sua actualização e adaptação ao presente, de forma sustentável, através da criação de legislação e atribuição de subsídios para as ditas práticas e para a sua modernização (p.e, em Portugal, a Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro, estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural - <https://files.dre.pt/1s/2001/09/209a00/58085829.pdf> - e o Fundo de

---

<sup>9</sup>

[https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao\\_para\\_a\\_salvaguarda\\_do\\_patrimonio\\_imaterial.pdf](https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/convencao_para_a_salvaguarda_do_patrimonio_imaterial.pdf)

Salvaguarda do Património Cultural responde à determinação dessa Lei - <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/2009/06/11300.pdf> ; ainda em Portugal, o Programa Portugal 2030, distribuído por 12 programas, que atribuem os apoios com base na região onde são desenvolvidos ou na área de atividade onde se inserem, oferece subsídios para modernização de processos produtivos, marketing e internacionalização, disponíveis para pequenos empreendedores - <https://portugal2030.pt/programas/> )

- b) Apoio e intermediação ou arbitragem de instituições locais, regionais, nacionais e internacionais (organizações não governamentais), garantes da conservação da autenticidade no processo de crescimento/progresso/desenvolvimento (p.e. o cante alentejano, o fado, etc, reconhecidos como património imaterial da humanidade pela UNESCO;
- c) Um sistema de educação assente numa consciencialização cultural, que valorize as práticas tradicionais, assim como as técnicas modernas, viabilizando o contacto com essas duas experiências (p.e. o ensino do mirandês ou do cante alentejano, nas escolas);
- d) Inovação tecnológica sustentável, mediante a introdução de tecnologias que respeitem e facilitem a preservação das tradições (p.e. visitas virtuais promovidas pelo governo egípcio aos túmulos de Ramsés VI, ou o Complexo Funerário do Rei Unas - <https://my.matterport.com/show/?m=o5Ex5Xo7UkE> – ou ainda à Pirâmide de Djoser - <https://my.matterport.com/show/?m=zBpDdPqxTKz> –. Outro, dos muitos exemplos que se poderão citar, é a visita virtual a diversos locais culturais em Itália, de entre os quais, as Ruínas de Pompeia - <https://artsandculture.google.com/story/SgURh00pxashDA> ), promovam a interactividade e evitem a sua degradação;
- e) Envolvimento das comunidades locais no processo de tomada de decisão quanto à preservação e adaptação das tradições, por forma a tornar mais assertiva e legítima essa decisão (p.e. o reconhecimento do Fado, do Cante Alentejano, dos Chocalhos e outros, enquanto património cultural imaterial

- pela UNESCO, envolveram activamente as comunidades no sentido de articular as práticas tradicionais com a inovação);
- f) Apoio ao empreendedorismo cultural, através de formação e financiamento a públicos empreendedores, cujos projectos se enquadrem em inovação sustentável (p.e. em Portugal e actualmente abertos: o PROCERIS - Programa Cultura e Empreendedorismo - <https://culturaportugal.gov.pt/pt/criar/apoios/diversos-2024/proceris-programa-cultura-e-empreendedorismo-com-responsabilidade-e-inclusao-local-e-global/> - e o SEMENTEIRA - <https://www.antipoda-ac.pt/menteira02>);
- g) Resistência e capacidade de reagir positivamente às adversidades, adaptando-se aos novos contextos, fomentando a continuidade e a reinvenção cultural: a Coreia do Sul é um exemplo emblemático nesta área, mantendo as suas tradições vivas num mundo em rápida transformação (p.e. o hanbok, traje tradicional sul coreano, está ser reinterpretado por estilistas - <https://listologia.com/a-influencia-do-hanbok-na-moda-de-rua-coreana/> -; o kimchi tornou-se um produto moderno, disponível em supermercados em todo o mundo, usado e promovido por grandes cozinheiros - <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnerg1zzmpno>).

Importa ainda relevar o facto de que esta dinâmica, esta harmonia entre a tradição e a modernidade, carece do envolvimento de pessoas e de vontades - sejam académicos, líderes comunitários, autores de políticas públicas, entre outros -, comunidades locais, instituições culturais e governamentais, empresas privadas, todos enquadrados em contextos específicos, definidos em função da história da sociedade em causa e das suas necessidades e pretensões.

- A Coexistência e o Equilíbrio entre a Tradição e a Modernidade na História e Filosofia da Ciência

A História e a Filosofia da Ciência revelam a convivência e a existência simultânea da tradição e da modernidade, muitas vezes em conflito, mas também em colaboração. Os autores anteriormente citados, nas respectivas obras - Anthony Giddens, Eric Hobsbawm e Marshall Berman discutem esta matéria e fazem a apologia da importância de ser encontrado um modelo de harmonia, que respeite as especificidades de cada sociedade, caso o objectivo seja atingir o desenvolvimento sustentável dos territórios. Também outros autores, já antes mencionados, como Thomas Kunh e Bruno Latour corroboram este propósito.

Interessa ainda sublinhar que a interacção entre a tradição e a modernidade é também uma matéria filosófica, na medida em que o seu estudo pode levar à interrogação e à redefinição de conceitos como sejam os de “sustentabilidade”, “autenticidade” e “progresso”, e assim alimentar um olhar mais crítico sobre os actuais modelos de desenvolvimento dos territórios.

Walter Benjamim, no ensaio “Teses sobre o conceito de História” (1940)<sup>10</sup>, faz diversas críticas, de entre as quais, à ideia de história como um processo contínuo. A sua ideia de progresso da humanidade prende-se com a evolução dos conhecimentos e das capacidades das pessoas. Todavia, segundo ele, tanto a existência da tradição, como as gerações que a recebem, estão continuamente sob uma ameaça de desumanização proveniente de uma modernidade desmedida e descontrolada. Para a mitigar, defende a necessidade de libertar a tradição do conformismo que insiste em tomar conta dela. Este é, a seu ver, o caminho para construir um futuro mais ético, inclusivo e conciliador, reunindo os valores da tradição à diversidade que a modernidade aporta.

---

<sup>10</sup> <https://lavrpalavra.com/2015/10/02/walter-benjamin-teses-sobre-o-conceito-de-historia/>

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

---

Berman, M. (1982). *Tudo o que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. Companhia das Letras.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod\\_resource/content/1/BERMAN-Marshal-Tudo-o-Que-e-solido-Desmancha-No-Ar.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125876/mod_resource/content/1/BERMAN-Marshal-Tudo-o-Que-e-solido-Desmancha-No-Ar.pdf)

Giddens, A. (1990). *As consequências da modernidade*. UNESP.

<https://pt.slideshare.net/slideshow/anthony-giddens-as-consequencias-da-modernidade-250299405/250299405>

Kuhn, S. T. (1998) *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Editora Perspetiva S. A.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4103727/mod\\_resource/content/1/Kuhn-Estrutura-das-revolucoes-cientificas%201989.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4103727/mod_resource/content/1/Kuhn-Estrutura-das-revolucoes-cientificas%201989.pdf)

**-S**eminário **V.** **POLÍTICAS PÚBLICAS E**  
**SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MARKETING**  
**TERRITORIAL**

# LIÇÃO

## **POLÍTICAS PÚBLICAS E SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MARKETING TERRITORIAL**

OBS: ficheiro em separado

# **-S**eminário **VI. IMPORTÂNCIA DO PATRIMÓNIO** **CULTURAL IMATERIAL:** **PRESERVAR AS TRADIÇÕES DO PASSADO E** **FORTALECER AS IDENTIDADES CULTURAIS** **CONTEMPORÂNEAS NA SENDA DO** **DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL**

## **OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM**

1. Perceber, com recurso a vários exemplos, como as práticas culturais podem estabelecer um elo entre a tradição e a inovação, promover a coesão e a inclusão social, fortalecer as identidades locais e, ao mesmo tempo, gerarem benefícios económicos para as próprias comunidades, em contexto de desenvolvimento territorial sustentável
2. Compreender, com recurso a diversos exemplos, como a integração de práticas culturais no planeamento de marketing territorial constitui um diferencial estratégico para os órgãos de governação do território e facilitam o seu posicionamento de uma forma única e competitiva, no cenário global
3. Perceber que a relação entre o património cultural imaterial e a História e Filosofia da Ciência é formada por vários elementos e aspectos, sendo enriquecedora para ambas as partes

## **CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

- Exemplos de Práticas Culturais que Visam Encorajar a Criação Artística e Promover o Intercâmbio entre Diferentes Grupos Sociais
- Exemplos de Práticas Culturais Incorporadas no Planeamento de Marketing Territorial
- A Importância do Património Cultural Imaterial e das suas Práticas na História e Filosofia da Ciência

# SINOPSE DESCRITIVA

## INTRODUÇÃO

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## DESENVOLVIMENTO

- Exemplos de Práticas Culturais que Visam Encorajar a Criação Artística e Promover o Intercâmbio entre Diferentes Grupos Sociais
- Exemplos de Práticas Culturais Incorporadas no Planeamento de Marketing Territorial
- A Importância do Património Cultural Imaterial e das suas Práticas na História e Filosofia da Ciência

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

O conceito de património cultural imaterial inclui as práticas, as representações, as expressões, os conhecimentos e as aptidões tradicionalmente reconhecidos pelas comunidades como fazendo parte do respectivo património cultural, bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais a eles associados.

Esse conceito foi consolidado internacionalmente com a Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), que reconhece a sua relevância na promoção da diversidade cultural e do desenvolvimento sustentável.

Actualmente, o património cultural imaterial debate-se com um conjunto de problemas resultantes do processo de globalização, da urbanização vertiginosa e das conseqüentes mudanças sociais e económicas, correndo riscos de desvalorização e, em alguns casos, até de extinção. Todavia, ao mesmo tempo, o património cultural imaterial tem um papel inigualável na construção de um futuro sustentável, na medida em que associa a preservação da tradição à inovação e ao fortalecimento das identidades locais.

Por sua vez, o conceito de desenvolvimento territorial sustentável resulta da intersecção entre o reconhecimento da importância e do valor da cultura, a preservação do ambiente e a justiça social, envolvendo atributos materiais do território (recursos naturais e infraestruturas), como também as suas características imateriais (tradições, conhecimento e práticas culturais).

Neste enquadramento, o património cultural imaterial é um testemunho do passado que, ao ter um valor de civilização e de cultura, com significado para a identidade e memória colectivas, constitui um recurso estratégico para moldar o futuro.

A investigação deste tema constitui, pois, um contributo teórico e de aplicação prática em áreas como a gestão estratégica e marketing territorial, assim como em todas aquelas que se cruzam com a educação e formação dos cidadãos.

Desta forma, a pertinência do seu estudo está para além da sua conservação, justificando-se por diversas razões, de entre as quais se faz destaque: a) ajudar a combater os efeitos da homogeneização cultural causada pela globalização; b) apoiar o “crescimento saudável, regenerativo e inclusivo” (ODS’s 8, 11 e 13); c) promover a continuidade cultural e robustecer as identidades contemporâneas, actuando como um ponto de convergência intergeracional ; d) constituir um motor de desenvolvimento, quando integrado nas políticas públicas e no planeamento territorial.

Assim, e atendendo ao papel que a cultura desempenha enquanto eixo de coesão social, inovação e valorização territorial, o património cultural imaterial é determinante na construção de relações harmónicas entre o passado e o presente, promotoras de inovação social, assim como no fortalecimento das identidades territoriais e na elaboração de modelos de desenvolvimento territorial, alinhados com políticas públicas preocupadas com a sustentabilidade.

O seu estudo assume uma clara primazia sempre que o propósito é reflectir e entender os desafios com os quais os territórios se debatem, no sentido de encontrar soluções integradas, que passem pela articulação entre a cultura, a economia e a sustentabilidade.

## DESENVOLVIMENTO

---

- Exemplos de Práticas Culturais que Visam Encorajar a Criação Artística e Promover o Intercâmbio entre Diferentes Grupos Sociais

As práticas culturais são representações ou manifestações do património material e imaterial. Estas, salvaguardam e divulgam as tradições de um território, enquanto impulsionam a inovação, a coesão social e reforçam a autoestima colectiva e a identidade cultural, elementos essenciais para o equilíbrio e para o progresso das comunidades. O facto de agregarem as dimensões ambiental, cultural, económica e social, determina que o seu papel seja essencial no desenvolvimento territorial sustentável: fortalecem a unicidade do território, incentivam a economia local, cativam um turismo responsável e impulsionam o uso equilibrado dos recursos naturais e culturais.

São, assim, importantes instrumentos facilitadores do cumprimento dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em particular daqueles que se relacionam com a redução das desigualdades, a educação de qualidade, as cidades sustentáveis e o património cultural e natural.

As práticas culturais constituem uma área particularmente facilitadora para a experimentação, assim como para o diálogo entre a tradição e a modernidade. Elas permitem, em muitos casos, que os artistas e os criadores na generalidade, mostrem os seus projectos relativos a novas interpretações culturais e desenvolvam novos produtos, serviços ou práticas, que agregam valor cultural e económico ao território. São, pois, espaços de liberdade, estimuladores da **inovação e da criação artística**, assim como importantes fortalecedores da indústria criativa local.

Richard Florida, no livro “The Rise of the Creative Class” (2002)<sup>1</sup>, identificou a “classe criativa” como uma nova classe económica, vaticinando que será ela a

---

<sup>1</sup> <https://rodriguez21@pol301.commons.gc.cuny.edu/files/2021/10/Richard-Florida-The-Rise-of-the-Creative-Class-Revisited-Preface-Intro.pdf>

dominar a vida económica, social e cultural do século XXI. Como chave para o desenvolvimento económico das cidades ou das regiões, desenvolveu a teoria dos três T: tecnologia, talento e tolerância, que quando trabalhados juntos, podem impulsionar a inovação e o crescimento económico de uma região. Individualmente, cada um destes parâmetros tem um efeito positivo, mas limitado, no desenvolvimento do território. Somente em sinergia ou em interligação, esse efeito se torna verdadeiramente significativo. O talento é representado pela concentração de pessoas com alta instrução (curso superior ou acima), a tecnologia, pelo resultado económico no sector e, a tolerância, pela abertura à imigração e à presença de capital criativo. Florida declarou, inclusivamente, que a criatividade deveria ser constituída como um bem público, ao nível da segurança ou da liberdade<sup>2</sup>.

Podem-se citar, enquanto exemplos desta influência mútua entre tradição e inovação, o caso dos Maasai (Figura 1), uma tribo que vive no norte, centro e sul do Quênia e no norte da Tanzânia. Eles são conhecidos pelas suas roupas, de tecido normalmente de algodão, de cor vermelha (shuka), drapeado pelo corpo. O nome e/ou imagem Maasai têm sido utilizados em muitos produtos, por marcas e estilistas renomados. Contudo, sem benefícios financeiros para o povo, sendo que grande parte dele vive em situação de pobreza extrema. Em 2008<sup>3</sup>, o advogado Michael Frankel propôs a criação de uma entidade legal denominada Maasai Intellectual Property Initiative Trust (MIPI)<sup>4</sup>, permitindo-lhes possuir e receber rendimentos provenientes da sua Propriedade Intelectual, num modelo de comércio justo, beneficiando igualmente a sua imagem.

---

<sup>2</sup> <https://www.publico.pt/2008/04/17/jornal/richard-florida-o-guru-do-conceito-das-cidades-criativas-257409>

<sup>3</sup> <https://www.jstor.org/stable/pdf/10.13169/jfairtrade.2.2.0005.pdf>

<sup>4</sup> <https://maasaiintellectualpropertyinitiative.org/>

Figura 1. Povo Maasai



Fonte: <https://maasaiintellectualpropertyinitiative.org/>

Também o Edinburgh Fringe Festival<sup>5</sup> (Figura 2), cuja história remonta a 1947, é um interessante exemplo. Trata-se, talvez, do maior festival de artes do mundo e acontece no mês de Agosto, durante três semanas, em Edimburgo, na Escócia. Todos os anos, centenas de artistas, de múltiplas áreas, desde os muito conhecidos até aos que querem iniciar uma carreira, recorrem aos seus palcos para apresentarem espectáculos muito diferentes e para todos os gostos.

---

<sup>5</sup> <https://www.edinburghfestivalcity.com/festivals/edinburgh-festival-fringe>

Figura 2. Edinburgh Festival Fringe



Fonte: <https://www.edinburghfestivalcity.com/festivals/edinburgh-festival-fringe>

Em Portugal, o Festival Bons Sons é um festival de música, que tem lugar em Agosto, na aldeia de Cem Soldos, no concelho de Tomar (Figura 3). É organizado pela associação cultural local SCOCS, e promove a participação social e o empoderamento da população. Pretende ser uma oportunidade para a divulgação de música portuguesa. Sob o mote “Vem viver a Aldeia”, o público tem a oportunidade de descobrir projectos emergentes e reencontrar músicos consagrados.

Figura 3. Joana Barra Vaz, cantora e co-fundadora do projecto A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria, actua à janela da casa de uma família cemsoldense no âmbito do espectáculo Agora, Aqui, em 2017



Fonte: [https://www.nationalgeographic.pt/viagens/aldeia-mes-cem-soldos-tomar-festival-bons-sons-projecto-comunidade\\_5278](https://www.nationalgeographic.pt/viagens/aldeia-mes-cem-soldos-tomar-festival-bons-sons-projecto-comunidade_5278)

Uma situação completamente diferente, mas similar no propósito tem a ver com a utilização de um produto característico do nosso país. Portugal é o maior produtor de cortiça no mundo e esta faz parte da sua história. Trata-se de um produto tradicional, natural e muito versátil, podendo ser utilizado múltiplas situações. Marcas e lojas online, como a Corkdesign<sup>6</sup> ou a Pelcor<sup>7</sup> utilizam a cortiça para criar acessórios de moda. O ECORKHOTEL Évora<sup>8</sup> é um exclusivo hotel de 4 estrelas, ecológico, que tem o seu edifício principal revestido a cortiça (Figura 4).

<sup>6</sup> <https://www.corkway.pt/artigos/designers-da-cortica/>

<sup>7</sup> <https://www.pelcor.pt/collections/all-products>

<sup>8</sup> <https://thelincehotels.com/ecorkhotel/hotel/>

Figura 4. ECORKHOTEL Évora



Fonte: <https://www.booking.com/hotel/pt/ecorkhotel-evora-suites-spa.pt-pt.html?activeTab=photosGallery>

Em matéria de **coesão social**, as manifestações culturais promovem a inclusão e o diálogo intercultural, na medida em que, quando reúnem pessoas de origens, idades e contextos diferentes criam espaços de encontro e de interacção entre grupos sociais. Estas actividades favorecem a quebra de barreiras sociais e estimulam a formação de um sentimento de comunidade e de pertença.

Stuart Hall (2006) no artigo intitulado “Identidade cultural e diáspora”<sup>9</sup> refere que a identidade “não provém, em linha recta e contínua, de uma qualquer origem fixa”, enfatizando o facto de que as convivências entre grupos sociais diferentes, reflectirem as identidades, mas também criarem oportunidades para encontros

---

<sup>9</sup> <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020>

transformadores e facilitadores da inclusão. Ou seja, a identidade cultural não é fixa, mas construída, através de práticas sociais e culturais que reexplicam o passado, em relação ao presente.

Um exemplo paradigmático é o Carnaval de Barranquilla, na Colômbia<sup>10</sup>, inscrito em 2008 na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (Figura 5). Todos os anos, durante os quatro dias antes da Quaresma, o Carnaval de Barranquilla oferece um repertório de danças e expressões musicais originárias de diferentes subculturas colombianas, combinando expressões culturais indígenas, africanas e europeias. Além de preservar a tradição, o evento promove a inclusão social, o turismo cultural e gera receitas significativas na região.

Figura 5. Carnaval de Barranquilla (Colômbia)



Fonte: <https://ich.unesco.org/en/RL/carnival-of-barranquilla-00051>

---

<sup>10</sup> <https://ich.unesco.org/en/RL/carnival-of-barranquilla-00051>

Em Portugal, o Festival Andanças<sup>11</sup>, realizado na aldeia de Campinho, Reguengos de Monsaraz, é um exemplo modelo (Figura 6). O evento mistura danças e a partilha de experiências culturais distintas, promovendo o diálogo intercultural e criando comunidades temporárias de pessoas que partilham os mesmos valores.

Figura 6. Festival Andanças, Campinho, Reguengos de Monsaraz



Fonte: <https://www.dgartes.gov.pt/pt/evento/5494>

No que respeita ao **reforço da autoestima colectiva e da identidade cultural**, as referências antes mencionadas também são disso exemplo: ao resgatar as tradições, as comunidades aceitam o seu passado, numa perspectiva de continuidade futura.

Podem-se incluir, a título de exemplos, o Festival de Oktoberfest<sup>12</sup> (Figura 7). Trata-se da festa mais popular da Alemanha e uma das mais importantes do mundo, realizando-se em Munique, desde 1810. Tendo como tema central a cerveja, este

---

<sup>11</sup> <https://pedexumbo.com/o-festival-andancas-esta-de-volta-em-2025-ja-podem-marcas-na-agenda-de-14-a-17-de-agosto-voltamos-a-dancar-no-campinho/>

<sup>12</sup> <https://www.oktoberfest.de/en/node/23199>

festival apresenta-se como “o maior festival folclórico do mundo”, constituindo uma celebração da cultura da Baviera (Sul da Alemanha), e envolvendo diversas opções de passeios temáticos, apresentações teatrais, musicais e um roteiro gastronómico, naturalmente em torno da cerveja.

Figura 7. Festival de Oktoberfest, Munique, Alemanha



Fonte: <https://www.oktoberfest.de/en/node/23199>

Em Portugal, o Carnaval de Podence e os seus Caretos (Podence, Macedo de Cavaleiros)<sup>13</sup> constituem uma tradição inscrita na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO em 2019<sup>14</sup> (Figura 8). Para além das saídas à rua dos coloridos e endiabrados mascarados, e das visitas a casas de familiares e vizinhos, num ritual de convivialidade, também são realizadas apresentações artísticas e oficinas para jovens artistas. Ao contrário do que antes acontecia, actualmente as raparigas jovens já se mascaram de Caretos.

<sup>13</sup> <https://www.caretosdepodence.pt/quem-somos>

<sup>14</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial-em-portugal/carnaval-de-podence>

Figura 8. Caretos de Podence



Fonte: <https://www.caretosdepodence.pt/quem-somos>

Estes são alguns exemplos que revelam a importância do património cultural imaterial e a forma como as práticas culturais podem estabelecer um elo entre a tradição e a inovação, promover a coesão e a inclusão social, fortalecer as identidades locais e, ao mesmo tempo, gerarem benefícios económicos para as próprias comunidades, em contexto de desenvolvimento territorial sustentável.

- Exemplos de Práticas Culturais Incorporadas no Planeamento de Marketing Territorial

O marketing territorial é uma abordagem estratégica, orientada pelos princípios da sustentabilidade ambiental, cultural, económica e social, que procura dar a conhecer um território, enquanto um espaço atractivo para diferentes públicos (moradores, investidores, talentos, visitantes ou turistas...). O seu maior desafio é, em primeiro lugar, compreender, para depois conseguir evidenciar, o modelo de equilíbrio entre o desenvolvimento do território e a preservação dos seus recursos, a salvaguarda da sua identidade cultural e a melhoria da qualidade de vida da população. Neste enquadramento, uma comunicação responsável, ética e autêntica, que afaste a mercantilização desmesurada da cultura local e contribua para educar os visitantes a propósito da importância da sua preservação, assume uma importância capital.

Assim, a integração de práticas culturais no planeamento de marketing territorial constitui um diferencial estratégico para os órgãos de governação do território, facilitando o seu posicionamento de uma forma única e competitiva no cenário global.

Os autores François Ascher, Robert Govers e Frank Go corroboraram esta tese.

François Ascher (1995) no livro “Métapolis: ou l'avenir des villes”<sup>15</sup> disserta a propósito da concentração das pessoas em grandes cidades, da metropolização e dos discursos de análise do fenómeno. Segundo o autor, a metropolização prepara o caminho para a formação das metapolis, cujo termo implica entender a dinâmica das cidades enquanto seres vivos, mutáveis e integrados, onde a valorização das suas especificidades culturais locais é determinante com vista a aumentar a sua competitividade. As metapolis são cidades com sofisticadas articulações, conectadas em rede e em constante evolução e crescimento.

---

<sup>15</sup> <https://www.bertrand.pt/livro/metapolis-ou-l-avenir-des-villes-francois-ascher/7812616>

Por sua vez, Robert Govers e Frank Go, na obra "Place Branding: Glocal, Virtual and Physical Identities, Constructed, Imagined and Experienced" (2016)<sup>16</sup>, apresentam uma visão inovadora relativa ao *branding* dos lugares, resultado de uma análise da identidade física e virtual dos territórios, integrando os conceitos de globalização e de "localismo" ("glocal"): o sucesso do *branding* de lugares resulta da sua aptidão em conseguir interligar identidade/autenticidade/experiências com significado para moradores e visitantes. Neste processo de compreensão, construção e de conexão com os públicos (de planeamento de marketing territorial), as práticas ou manifestações culturais desempenham um papel relevante.

O Carnaval de Veneza (Carnevale di Venezia)<sup>17</sup>, na Itália, cujas origens remontam a 1094 - se bem que tendo estado ausente cerca de dois séculos, foi revivificado em 1979 -, continua a manter a tradição e a respeitar a sua história, ou seja, é sinónimo de teatro, *frittelle di Carnevale*, máscaras e fantasias deslumbrantes (Figura 9). Trata-se de um exemplo de uma prática cultural, símbolo de uma herança cultural, que foi integrada no marketing territorial, com a finalidade de fortalecer a imagem da cidade de Veneza enquanto um destino único e histórico e atrair milhares de turistas em cada ano. A cidade utiliza o seu Carnaval como âncora para se dar a conhecer<sup>18</sup>. Fá-lo, nomeadamente, em campanhas internacionais, em feiras de turismo, plataformas digitais e em parcerias com empresas de moda e de turismo.

Em 2025, o Carnaval de Veneza celebra o 300º aniversário do veneziano Giacomo Casanova, sob o tema "Il tempo di Casanova". De entre os habituais eventos paralelos, para 2025 está prevista a realização de procissões aquáticas, carros alegóricos, espetáculos generalizados e reconstituições históricas, o que aumenta o seu impacto cultural e económico.

---

<sup>16</sup> <https://anyflip.com/pjjun/njnr/basic>

<sup>17</sup> <https://carnevale.venezia.it/>

<sup>18</sup> <https://events.veneziaunica.it/it/cosa-fare-a-venezia/eventi/carnevale-di-venezia-2025>

Figura 9. Carnaval de Veneza



Fonte: <https://carnevale.venezia.it/news/la-tradizione-del-carnevale/>

Em Portugal, o caso de Óbidos Vila Literária<sup>19</sup> é muito interessante. A transformação de Óbidos numa “Vila Literária”<sup>20</sup> começou em 2013, com a conversão de uma igreja em livraria, pela mão do saudoso editor e livreiro, José Pinho. Dizia ele: "Eu não quero fazer uma livraria. Eu quero fazer uma cidade, uma vila literária." A partir daí foi criada uma marca territorial ligada à literatura. Sucedeu-se a requalificação de outros espaços, transformados em livrarias especializadas e integrados no quotidiano local. Começaram a surgir vários eventos literários, com destaque para o FÓLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos<sup>21</sup>, cuja primeira edição aconteceu em 2015 (Figura 10).

Também em 2015, a classificação de Óbidos como Cidade Criativa da Literatura da UNESCO veio fortalecer a importância estratégica desta área para o desenvolvimento local e comunitário<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> <https://obidosvilaliteraria.com/>

<sup>20</sup> <https://obidosvilaliteraria.com/english-silver-coast-volunteers-oferece-livros-a-visitantes/>

<sup>21</sup> <https://foliofestival.com/>

<sup>22</sup> <https://www.cm-obidos.pt/pages/957>

Figura 10. FÓLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos



Fonte: <https://foliofestival.com/>

A incorporação de práticas culturais no planeamento de marketing territorial é, pois, muito mais do que uma estratégia promocional: representa um compromisso com a preservação da identidade e a autenticidade dos territórios, com vista ao seu desenvolvimento territorial sustentável.

- **A Importância do Património Cultural Imaterial e das suas Práticas na História e Filosofia da Ciência**

O património cultural imaterial e as suas práticas dão uma perspectiva singular à História e Filosofia da Ciência, pela razão de englobarem particularidades intangíveis do conhecimento humano, as quais exercem influência na forma como a Ciência e a Filosofia se exprimem em diferentes contextos culturais e históricos.

O facto de o conhecimento tradicional ser considerado como fonte para a Ciência, pode ser um exemplo deste tipo de subsídio: efectivamente, o património cultural imaterial compreende conhecimentos tradicionais e populares que, em certos casos, podem ajudar ou até ser o suporte para avanços científicos. Pelo seu lado, a História da Filosofia e da Ciência também se enriquecem ao investigar como é

que esses conhecimentos contribuíram para a construção do conhecimento científico. O National Center for Complementary and Integrative Health (NCCIH)<sup>23</sup> é um dos centros do National Institutes of Health (NIH)<sup>24</sup>, a agência governamental de pesquisa biomédica do departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos. O NCCIH, fundado em 1999, tem por missão definir, por meio de investigação científica rigorosa, a utilidade e a segurança das intervenções de saúde complementares e integrativas e determinar quais os seus papéis na melhoria da saúde e dos cuidados de saúde. Segundo este reconhecido Centro, pesquisas mostram que a acupuntura pode ser útil para várias condições de dor, referindo uma análise de dados de 20 estudos (6.376 participantes) de pessoas com condições dolorosas (dor nas costas, osteoartrite, dor no pescoço ou dores de cabeça) que demonstrou que os efeitos benéficos da acupuntura continuaram por um ano após o término do tratamento para quase todos os problemas avaliados<sup>25</sup>.

Desde logo o património imaterial põe em evidência o facto de a Ciência ser uma construção múltipla, influenciada por linguagens, práticas e símbolos culturais, resultado de formas distintas de compreender o mundo, enquadradas em contextos culturais diferentes. O reconhecimento desta diversidade constitui uma mais-valia para a História e Filosofia da Ciência, na medida em que fornece pistas para investigação, tal como a possibilidade de ampliar a compreensão histórica da Ciência, onde se incluem os processos de inovação e as relações entre a tradição e a modernidade.

Deste modo, o património cultural imaterial contribui para a salvaguarda da memória histórica da Ciência em comunidades particulares, actuando como um “registo vivo” da relação entre o território, a sociedade e a Ciência e Filosofia. Relembro, por exemplo, a aldeia comunitária de Vilarinho da Furna, que ficou submersa em 1972 para construção da Barragem do Rio Homem, mas que havia sido anteriormente estudada, durante anos, por Jorge Dias<sup>26</sup>, tendo este

---

<sup>23</sup> <https://www.nccih.nih.gov/>

<sup>24</sup> <https://www.nih.gov/>

<sup>25</sup> <https://www.nccih.nih.gov/health/acupuncture-effectiveness-and-safety>

<sup>26</sup> [https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/dias\\_jorge.pdf](https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/dias_jorge.pdf)

documentado a vida e as tradições dos habitantes da aldeia<sup>27</sup> (Figura 11). Este trabalho constituiu a sua tese de doutoramento em Etnologia (Volkskunde) na Universidade de Munique em 1944, intitulada “Vilarinho da Furna, Um Povo Autárquico da Serra Amarela”.

Figura 11. Ruínas da aldeia de Vilarinho da Furna visíveis quando a barragem é esvaziada para limpeza ou quando o nível das águas desce, em períodos de seca



Fonte: <https://turismo.cm-terrasdebouro.pt/listings/vilarinho-da-furna-aldeia/>

Por sua vez, a História e a Filosofia da Ciência facilitam os suportes teóricos e as ferramentas metodológicas para compreender, preservar e reinterpretar o património cultural imaterial à luz dos contextos actuais, envolvendo a ética e a responsabilidade neste processo. Para além disso, o seu contributo passa também por conseguir demonstrar que o património cultural imaterial não é propriamente um dado natural, mas resulta de uma construção científica e filosófica, determinada por contextos históricos, debates filosóficos e descobertas científicas.

---

27

[https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Faqalibri.cimcavado.pt%2Fbitstream%2F20.500.12940%2F438%2F1%2FMTB-VFA-JD.pdf&psig=AOvVaw3Hzk\\_RURIBRyRK4VBmHrU4&ust=1735469876118000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CAYQrpoMahcKEwiAjJWdp8qKAXUAAAAAHQAAAAAQBA](https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Faqalibri.cimcavado.pt%2Fbitstream%2F20.500.12940%2F438%2F1%2FMTB-VFA-JD.pdf&psig=AOvVaw3Hzk_RURIBRyRK4VBmHrU4&ust=1735469876118000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CAYQrpoMahcKEwiAjJWdp8qKAXUAAAAAHQAAAAAQBA)

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

---

Ascher, F. (1995). *Métapolis Ou L'Avenir Des Villes*. Odile Jacob.  
<https://www.bertrand.pt/livro/metapolis-ou-l-avenir-des-villes-francois-ascher/7812616>

Florida, R. (2019). *The Rise of The Creative Class*. Basic Books.  
<https://rodriguez21lpol301.commons.gc.cuny.edu/files/2021/10/Richard-Florida-The-Rise-of-the-Creative-Class-Revisited-Preface-Intro.pdf>

Hall, S. (2006). Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, 1, 21-35.  
<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020>

Govers, R. (2009). *Place Branding Glocal Virtual and Physical Identities Constructed Imagined and Experienced*. Palgrave McMillan.  
<https://anyflip.com/pjjun/njnr/basic>

# **-S**eminário **VII. CIÊNCIA, CULTURA E INOVAÇÃO** **TERRITORIAL:** **UM OLHAR PARA O FUTURO**

## **OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM**

1. Perceber a importância de uma perspectiva integrada e de articulação entre a ciência, a cultura e a inovação aplicada ao território
2. Compreender, neste contexto, o contributo da História e Filosofia da Ciência, no presente e no futuro, ao adoptar uma perspectiva de análise, integral e globalizada
3. Conhecer alguns exemplos, em Portugal e no mundo, de inovação territorial, que associem as tradições às novas tecnologias, e constituam uma resposta a desafios globais

## **CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

- A Utilidade da Ciência e da Cultura no Futuro do Desenvolvimento Territorial Sustentável
- Exemplos de Inovação Territorial que Demonstrem o Envolvimento entre as Tradições e as Novas Tecnologias como Resposta a Desafios Globais

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- A Utilidade da Ciência e da Cultura no Futuro do Desenvolvimento Territorial Sustentável
- Exemplos de Inovação Territorial que Demonstram o Envolvimento entre as Tradições e as Novas Tecnologias como Resposta a Desafios Globais

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

O tema deste seminário realça a importância do diálogo entre a ciência, a cultura e a inovação territorial, para responder aos desafios globais e desenvolver os territórios, através da criação de soluções inovadoras que valorizem os contextos locais, sejam sustentáveis e, ao mesmo tempo, globalmente competitivas.

A ciência é um empreendimento humano global no qual todos podem participar. É um processo de descoberta, contínuo, sempre inacabado, onde novas descobertas geram novas perguntas que levam a novas investigações. A ciência é extremamente útil para as sociedades, influenciando-as e contribuindo para moldar os seus comportamentos. Por isso, está cada vez mais orientada para o desenvolvimento sustentável, preocupando-se em encontrar respostas para os desafios ambientais, culturais e sociais que se colocam nas diferentes épocas.

A cultura inclui o património material e imaterial, a memória colectiva e as identidades territoriais, sendo um forte instrumento de coesão social e de diferenciação dos territórios num mundo globalizado.

A inovação territorial, por sua vez, integra as actividades ou acções que recorrem à ciência para encontrar e implementar respostas para questões que possam gerar entropia ao desenvolvimento dos territórios, tendo em conta as suas características específicas, naturais e culturais. Como tal, a preservação e a valorização das culturas locais são factores determinantes para que as inovações científicas e tecnológicas - se enquadradas nas diferentes realidades sociais - sejam aceites pelas comunidades.

Os desafios globais do futuro, de que são exemplo as mudanças climáticas, a desigualdade social e a degradação ambiental, reclamam assim uma abordagem cooperante e multidisciplinar, onde o conhecimento científico deve estar associado às práticas culturais e a objectivos de desenvolvimento territorial sustentável.

Também a nova agenda da História e da Filosofia da Ciência surgiu como resposta ao fenómeno da globalização e preconiza uma abordagem mais plural, inclusiva, interdisciplinar, receptiva aos diferentes contextos sociais, culturais e materiais, desafiando a ideia de que o conhecimento científico foi ou ainda é um empreendimento especialmente europeu, e relevando-a antes como uma construção social, cultural e histórica, que se cria em articulação com outras áreas do conhecimento.

O estudo deste tema é, pois, pertinente, na medida em que reclama uma abordagem integrada na resolução de problemas que se colocam na actualidade, podendo assim contribuir para a construção de um futuro mais equitativo e sustentável.

## DESENVOLVIMENTO

---

- A Utilidade da Ciência e da Cultura no Futuro do Desenvolvimento Territorial Sustentável

O desenvolvimento territorial sustentável implica a gestão concertada dos recursos naturais, da salvaguarda do património cultural e do desenvolvimento de novas e inovadoras soluções que respondam aos problemas locais e globais. Para isso é indispensável a elaboração de estratégias, assentes na articulação entre a ciência e a cultura e, desta forma, promotoras de sustentabilidade.

Ao disponibilizar ferramentas que permitem compreender a realidade, identificar problemas e apresentar soluções baseadas em evidências, a ciência cria conhecimento. Este, por sua vez, contribui para melhorar a qualidade de vida das pessoas, assim como para tornar mais acessível e equitativa a sua educação, traduzindo-se em sociedades mais ricas, aos níveis intelectual e cultural. Neste sentido, a ciência assume um papel primordial para o desenvolvimento sustentável.

Recorda-se que o Dia Mundial da Ciência para a Paz e o Desenvolvimento é celebrado, anualmente, a 10 de Novembro, promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Em 2016, o lema foi “Celebrar os Centros e os Museus de Ciências”, por serem vistos enquanto laboratórios vivos de criatividade e por beneficiarem a investigação e a procura de soluções para os problemas das sociedades contemporâneas.<sup>1</sup> Na mensagem de Irina Bokova<sup>2</sup>, na altura directora geral da UNESCO, foi sublinhada a importância da ciência na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável<sup>3</sup>, na Agenda de Acção de Addis Abeba<sup>4</sup>, no Quadro de Acção de Sendai para Redução de Risco de

---

<sup>1</sup> <https://www.fct.pt/media/noticias/dia-mundial-da-ciencia-para-a-paz-e-o-desenvolvimento-2016/>

<sup>2</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/noticias/dia-mundial-da-ciencia>

<sup>3</sup> <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

<sup>4</sup> <https://localising-global-agendas.org/pt-pt/agendas-globais/addis-ababa-action-agenda/>

Desastres 2015-2030 <sup>5</sup> e no Acordo de Paris sobre as Alterações Climáticas<sup>6</sup>. Aproveitou para endereçar o convite aos parceiros e aos governos no sentido de apoiarem, promoverem e aproveitarem o potencial dos museus e dos centros de ciências para que sejam construídas, tão breve quanto possível, as bases para um futuro mais inclusivo e sustentável.

É de notar que a UNESCO tem incitado o desenvolvimento do conhecimento científico através de inúmeras iniciativas e programas, de entre os quais, a Rede de Cátedras<sup>7</sup> (com destaque para a Cátedra em Etnobotânica e Salvaguarda do Património de Origem Vegetal, instituída pela UNESCO, no Instituto Politécnico de Beja, em Janeiro de 2023<sup>8</sup>, na Figura 1), a Rede de Geoparques<sup>9</sup>, o Programa Internacional de Ciências Básicas (IBSP)<sup>10</sup>, o Programa do Homem e da Biosfera (MAB)<sup>11</sup>, o Programa Hidrológico Intergovernamental (PHI)<sup>12</sup>, entre outros.<sup>13</sup>

Figura 1. Site da Cátedra em Etnobotânica e Salvaguarda do Património de Origem Vegetal, página de entrada.



Fonte: <https://museu358.wixsite.com/meusite/about-3>

<sup>5</sup> <https://drmims.sadc.int/pt/sendai-framework/sendai-framework-for-drr>

<sup>6</sup> <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/paris-agreement-climate/>

<sup>7</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/redes-unesco/catedras-unesco>

<sup>8</sup> <https://museu358.wixsite.com/meusite/about-3>

<sup>9</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/redes-unesco/geoparques-mundiais-da-unesco>

<sup>10</sup> <https://pt.council.science/our-work/basicsscience/>

<sup>11</sup> <https://www.icnf.pt/conservacao/ambitointernacional/mab>

<sup>12</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/ciencia-para-um-futuro-sustentavel/programas-cientificos>

<sup>13</sup> <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/ciencia-para-um-futuro-sustentavel/ciencia-para-a-sociedade>

Esta visão integrada e de articulação entre a ciência, a cultura e a inovação aplicada ao território é corroborada por diversos autores e constitui a base de novas abordagens da História e Filosofia da Ciência. Apresentam-se alguns exemplos:

Bruno Latour, na obra “Políticas da Natureza - Como associar a ciência à democracia” (2004 [1999])<sup>14</sup>, introduz o termo de “ecologia política” e defende que a natureza e a sociedade carecem de uma explicação conjunta e simétrica, ou seja, a ciência contemporânea não se limita a descrever a realidade, mas funciona como um elemento mediador entre a sociedade e a natureza, o que fortalece a sua teoria do actor-rede. Neste contexto, a ciência funciona como um auxiliador à formulação de políticas públicas com vista ao uso sustentável dos recursos.

Também nesta perspectiva integradora, Edgar Morin, a pedido da UNESCO, questionou-se relativamente à educação de hoje. Desta interrogação resultou o livro “Os Sete Saberes para a Educação do Futuro” (2000 <sup>15</sup>[1999<sup>16</sup>]). Considera ele que o século XX produziu enormes avanços em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica, mas também produziu uma “nova cegueira” do conhecimento (a ilusão e o erro), por parte dos cientistas, técnicos e especialistas, para os problemas globais, fundamentais e complexos. Para ultrapassar este paradoxo, considera que o caminho não passa por abandonar o conhecimento das partes e favorecer o conhecimento das totalidades, ou substituir a análise pela síntese: para enfrentar estes desafios de complexidade contemporânea, é preciso conjugar todos estes conhecimentos. A Humanidade deve ser perspectivada como uma comunidade planetária. Este entendimento é determinante para se apreender, em conjunto, o ser e o meio ambiente, o local e o global, o multidimensional e o complexo, ou sejam, as condições objectivas e subjectivas do comportamento humano.

No caso da História e Filosofia da Ciência, estas fornecem os conhecimentos essenciais que permitem entender os registos e os modelos que, em diferentes

---

<sup>14</sup> <https://pt.scribd.com/document/580331295/Latour-bruno-politicas-da-natureza-como>

<sup>15</sup> [https://cepedgarmorin.com/wp-content/uploads/2022/04/Sete\\_Saberes\\_EdgarMorin.pdf](https://cepedgarmorin.com/wp-content/uploads/2022/04/Sete_Saberes_EdgarMorin.pdf)

<sup>16</sup> [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000117740\\_fre](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000117740_fre)

épocas, inspiraram o desenvolvimento territorial, assim como ajudam a encontrar soluções sustentáveis para resolver os problemas actuais e evitá-los no futuro.

Logo, o seu contributo para o desenvolvimento territorial sustentável traduz-se, em mais integração, mais inclusão, mais ética e mais responsabilidade, na construção de modelos de desenvolvimento territorial, que apresentem soluções éticas e holísticas.

Neste particular, a sua ajuda consiste essencialmente: a) na capacidade de conceber e de partilhar instrumentos conceptuais; b) na possibilidade de formulação de constantes interrogações. Estas duas premissas, articuladas, devem, pois, auxiliar o planeamento com responsabilidade, rejeitando paradigmas e práticas que, na sua formulação, possam não ter em conta erros históricos ou lições do passado, a integração do conhecimento tradicional ou não partam de uma abordagem multidisciplinar, que relacione as perspectivas ambiental, cultural, económica e social dos territórios.

Caso se atenda agora ao futuro da História e da Filosofia da Ciência, pensa-se ser possível afirmar que os autores são unânimes na urgência de repensar a temporalidade nestas áreas, desejavelmente receptivas à integração de narrativas culturais, de resultados de análises críticas, com base numa visão a longo prazo, sustentável, ética e globalmente inclusiva.

Tal como refere o Presidente da History of Science Society,<sup>17</sup> fundada em 1924<sup>18</sup> - a principal sociedade profissional dedicada a estudos académicos da História da Ciência e actualmente com mais de 3000 membros espalhados pelo mundo -, o Professor Fa-ti Fan<sup>19</sup>, “talvez mais do que outras áreas de estudos históricos, a história da ciência retira muitos dos seus pontos fortes da investigação interdisciplinar e inovadora e da divulgação de conhecimento”<sup>20</sup>.

François Hartog, Professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, onde ministra o seminário de Historiografia Antiga e Moderna, inovou no

---

<sup>17</sup> <https://hssonline.org/>

<sup>18</sup> <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/731757>

<sup>19</sup> <https://www.binghamton.edu/history/faculty/profile.html?id=ffan>

<sup>20</sup> <https://hssonline.org/mpage/microHome>

estudo da temporalidade na História, especialmente no campo da Historiografia, ao debruçar-se sobre a forma como diferentes períodos estruturam as respectivas interpretações do tempo e do conhecimento. Fala-nos de "regimes de historicidade" e, na relação entre tempo, ciência e cultura, distingue entre o tempo passado (tradicional), o tempo futuro (foco da modernidade) e o tempo presente, ao qual ele chama "presentismo" (foco no presente).

Numa entrevista que concedeu a Hector Pavon, a 25 de Junho de 2019<sup>21</sup>, ele reforça esta relação da História com o tempo, nomeadamente com o presente e com a sua actual revalorização.

Segundo Hartog, este súbito crescimento da categoria do presente terá gerado alguma incerteza junto dos historiadores, na medida em que hoje "tudo pode ser objecto do estudo da história", correndo esta o risco de se tornar numa "espécie de prática cultural", ausente de "propósito". Todavia, sublinha que a História assumiu claramente dois caminhos: um deles foi colocar-se "ao serviço da memória" (com foco no território e nas suas materialidades<sup>22</sup>), fazendo construções críticas do passado, efectuando pesquisas, consultando arquivos e colocando questões; o outro, foi encarar a História de "um ponto de vista global". Assim, no seu entender, o desafio passa por ultrapassar o dito "presentismo" e recuperar a possibilidade de olhar a ciência a longo prazo, ciente das suas consequências ambientais, éticas e sociais.

Dominique Preste, físico e historiador, também Professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales e a exercer a sua actividade no Centre Alexandre Koyré, anteriormente designado Centre de Recherche en Histoire des Sciences et des Techniques, partilha também esta visão interdisciplinar e crítica do conhecimento na sociedade. Considera, como ponto chave, a relação de confiança

---

<sup>21</sup> <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/590283-ja-nao-e-possivel-prever-o-futuro-entrevista-com-francois-hartog>

<sup>22</sup> Destacam-se duas novas abordagens na História da Ciência que evidenciam o papel dos objectos, dos instrumentos e das práticas do dia-a-dia, na formação do conhecimento científico, revelando que este é, para além de uma sequência de teorias e de experimentações, também um fenómeno material e social: a História Material (foca-se no estudo dos objectos, instrumentos e espaços usados na produção científica) e a Etnografia da Ciência (recorre especialmente à observação participante e às entrevistas, enquanto métodos de investigação do domínio da Antropologia, para estudar as práticas científicas no próprio local onde acontecem)

ou desconfiança que os indivíduos mantêm com o conhecimento científico e propõe, como solução, a criação de formas públicas de co-construção do conhecimento, em contextos abertos a todos.<sup>23</sup> Destaca-se um importante artigo, do qual é autor, intitulado “Pour une Histoire Sociale et Culturelle des Sciences - Nouvelles définitions nouveaux objets nouvelles pratiques”<sup>24</sup>, publicado em 1995, onde apresenta as principais tendências que tiveram lugar na Europa, no campo dos Estudos Sociais do Conhecimento, com efeitos historiográficos, desde o início da década de 70, assim como disserta sobre as principais reivindicações que se têm vindo a colocar e algumas das novas formas de praticar a História da Ciência que delas emergiram.

Em Portugal, o Seminário Interno do Instituto de História Contemporânea (IHC) 2024/2025 (evento de regularidade mensal, distribuído ao longo do ano lectivo por dez sessões dedicadas à discussão de textos e aberto a todos os Investigadores/as Integrados/as do IHC) tem o objectivo de desenvolver e consolidar a coesão disciplinar e a abertura permanente a novas perspectivas historiográficas dentro do IHC. Desta vez, teve como tema central “O Futuro da História”.<sup>25</sup> A sua segunda sessão teve lugar a 5 de Novembro de 2024 e o texto em debate foi “On Futures and Endings: narratological reflections on contemporary forms of crises”, de Anne Fuchs.<sup>26</sup>

Anne Fuchs<sup>27</sup> é professora e directora do UCD Humanities Institute e amplamente conhecida pelo seu trabalho sobre memória cultural alemã, literatura modernista e contemporânea e sobre temporalidade nos séculos XX e XXI. Este releva a importância da construção cultural das narrativas sobre o passado e sobre o futuro, enfatizando a memória, a temporalidade e o facto de o progresso científico conviver

---

<sup>23</sup> [https://shs.cairn.info/science-et-democratie--9782738131584-page-215?\\_para\\_estudar\\_as\\_praticaslang=fr](https://shs.cairn.info/science-et-democratie--9782738131584-page-215?_para_estudar_as_praticaslang=fr)

<sup>24</sup> [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1995\\_num\\_50\\_3\\_279379](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1995_num_50_3_279379)

<sup>25</sup> [https://fcshunlpt-my.sharepoint.com/personal/comunicacao\\_ihc\\_fcsh\\_unl\\_pt/\\_layouts/15/onedrive.aspx?id=%2Fpersonal%2Fcomunicacao%5Fihc%5Ffcsh%5Funl%5Fpt%2FDocuments%2FAPartilhar%2FSeminario%2DIHC%2D2024&ga=1](https://fcshunlpt-my.sharepoint.com/personal/comunicacao_ihc_fcsh_unl_pt/_layouts/15/onedrive.aspx?id=%2Fpersonal%2Fcomunicacao%5Fihc%5Ffcsh%5Funl%5Fpt%2FDocuments%2FAPartilhar%2FSeminario%2DIHC%2D2024&ga=1)

<sup>26</sup> <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/hith.12310>

<sup>27</sup> <https://www.ucd.ie/humanities/about/ourteam/>

com as suas próprias consequências, muitas vezes traduzidas em situações de crise (como guerras, p.e.).

Neste artigo refere-se a título de exemplo o facto de a autora recorrer ao discurso de saúde pública utilizado durante a pandemia do COVID 19 para demonstrar como a narrativa dramática de crise, com pontos de inflexão e cenários de solução, conseguiu legitimar o “conhecimento em período de crise” (caso das vacinas), assim como formas autoritárias de gestão. Segundo ela, as crises modernas têm a sua origem no passado, decorrem num presente que apelida de “turbulento”, sendo que a solução, a acontecer no futuro, mais ou menos próximo, é condicionada pelo pensamento e pela acção humana. Sublinha que a política moderna e o discurso prevalecente nos *media* seguem esta narrativa.

Desta forma, o trabalho de Anne Fuchs sugere que o futuro da História e da Filosofia da Ciência deverá incorporar a memória e a temporalidade, assim como providenciar um equilíbrio entre o progresso e a reflexão ética.

Apesar de as perspectivas destes três autores não serem totalmente convergentes, eles concordam quanto à inevitabilidade de repensar a temporalidade na História e Filosofia da Ciência. O caminho passa pela adopção de uma visão a longo prazo, que permita conciliar o presente com um futuro desejavelmente mais inclusivo e ético.

Por fim, importa realçar que esta é uma área do conhecimento essencial para o desenvolvimento territorial sustentável, contribuindo para a criação de territórios mais resilientes, inovadores e sustentáveis.

- Exemplos de Inovação Territorial que Demonstram o Envolvimento entre as Tradições e as Novas Tecnologias como Resposta a Desafios Globais

São vários os exemplos de como a inovação territorial, ao articular as tecnologias modernas com a valorização de tradições culturais e de práticas locais, pode dar respostas a grandes desafios globais. Vejam-se dois em Portugal e dois no exterior.

A região do Douro de Portugal, conhecida pelos socalcos, encostas íngremes, microclimas, e pela produção milenar de vinho, com grande variedade de solos e de castas, recorre progressivamente mais à tecnologia de precisão para gestão das vinhas<sup>28</sup> (Figura 2).

A viticultura de precisão tem como objetivo maximizar a produtividade e qualidade das produções, enquanto contribui para a sustentabilidade ambiental. São várias as tecnologias já existentes que ajudam a realizar esta gestão das vinhas de uma forma mais eficiente, desde aeronaves que recolhem fotografias aéreas, posteriormente trabalhadas através computação avançada, até à colocação de chips ligados ao GPS do tractor, com conexão a satélites, que permitem que o doseamento dos tratamentos fitossanitários e de adubação seja feito consoante as necessidades das plantas. Mas a investigação continua<sup>29</sup> no sentido de introduzir ainda mais melhorias<sup>30</sup>. Esta é uma forma de a tradição de produção de vinho do Douro ser preservada, com ganhos de eficiência, reduzindo o impacto ambiental e melhorando a resiliência às mudanças climáticas.

---

<sup>28</sup> <https://www.agroportal.pt/douro-aposta-em-tecnologia-de-precisao-para-gestao-da-vinha/>

<sup>29</sup> <https://www.diariodetrasmontes.com/noticia/utad-desenvolve-plataforma-mysense-com-ferramentas-para-viticultura-de-precisao>

<sup>30</sup> <https://news.cision.com/pt/inesc-tec/r/demonstracoes-de-robo-unico-no-mundo-para-viticultura-de-precisao-decorrem-hoje-no-douro.c63768524787000000>

Figura 2. Viticultura de precisão



Fonte: <https://www.diariodigitalcastelobranco.pt/noticia/59593/rude-promove-tecnologias-de-precisao-na-vitivinicultura>

Também em Portugal, a plataforma SmartFarmer<sup>31</sup> promove o comércio justo e solidário e reúne, num só local, pequenos e médios produtores e consumidores (Figura 3). Assim, facilita as vendas directas, valoriza os produtos locais, estimula a economia local, promove a criação de emprego e contribui para a dinamização dos territórios, potenciando a sua riqueza e diversidade.

Figura 3. Ferramenta de e-commerce com venda directa de produtos de Pequenos e Médios Agricultores (SmartFarmer)



Fonte: <https://smartfarmer.pt/quem-somos/ecossistema-smart/>

---

<sup>31</sup> <https://smartfarmer.pt/quem-somos/>

Nos Emirados Árabes Unidos, a 17 quilómetros da capital Abu Dhabi, resultado de um projecto iniciado em 2006<sup>32</sup>, está a ser construída a cidade de Masdar<sup>33</sup>, conhecida como “a cidade ecológica no Golfo Pérsico” (Figura 4). Pretende ser um exemplo de uma “cidade do futuro” e um modelo de desenvolvimento urbano sustentável, sendo que os edifícios concluídos até agora usam 100% energia renovável. Tem por objectivo ser igualmente uma zona franca de negócios e um centro de tecnologia de classe mundial.

Figura 4. Cidade de Masdar, Emiratos Árabes Unidos



Fonte: <https://masdarcity.ae/about-masdar-city>

A cultura Maori é parte integrante da vida em Whakatane, Nova Zelândia. O projecto “Mataatua Virtual Reality (VR)”<sup>34</sup> combina novas tecnologias com a cultura oral tradicional Maori a fim de criar uma experiência de narrativa moderna e envolvente (Figura 5).

Segundo os criadores do projecto, este surgiu da vontade de explorar a convergência entre as novas tecnologias e a tradição da narrativa oral na cultura Maori, traduzindo uma experiência imersiva que valorize e ajuda a preservar as histórias tradicionais Maori.

---

<sup>32</sup> <https://www.basf.com/br/pt/we-create-chemistry/creating-chemistry-magazine/resources-environment-and-climate/masdar-city-eco-city-on-the-persian-gulf>

<sup>33</sup> <https://masdarcity.ae/about-masdar-city>

<sup>34</sup> <https://www.wananga.ac.nz/experience/news/mataatua-virtual-reality-project/>

Figura 5. Holograma 3D de Joe Harawira – um dos consultores do projecto “Mataatua Virtual Reality (VR)”, a explicar a história da fundação de Whakatane , reportando-se à escultura Irakewa



Fonte: <https://www.wananga.ac.nz/experience/news/mataatua-virtual-reality-project/>

Estes projectos são reveladores de como a harmonização entre a tradição e a tecnologia pode constituir respostas aos desafios globais, sendo esta uma alternativa possível para atingir o desenvolvimento territorial sustentável, com benefícios ambientais, económicos e sociais.

## BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

---

Fuchs, A. (2023). On futures and endings: narratological reflections on contemporary forms of crises. *History and Theory*, 62-3, 337–355. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/hith.12310>

Hartog, F. (2013). *Regimes de historicidade - Presentismo e experiências do tempo*. Autêntica. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070128/mod\\_resource/content/1/Hartog%20ordens%20do%20tempo%20regimes%20de%20historicidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070128/mod_resource/content/1/Hartog%20ordens%20do%20tempo%20regimes%20de%20historicidade.pdf)

Latour, B. (2004). *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. EDUSC. <https://pt.scribd.com/document/580331295/Latour-bruno-politicas-da-natureza-como>

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. UNESCO Brasil. [https://cepedgarmorin.com/wp-content/uploads/2022/04/Sete\\_Saberes\\_EdgarMorin.pdf](https://cepedgarmorin.com/wp-content/uploads/2022/04/Sete_Saberes_EdgarMorin.pdf)

Pestre, D. (1995). Pour une histoire sociale et culturelle des sciences. Nouvelles définitions, nouveaux objets, nouvelles pratiques. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 50-3, 487-522. [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1995\\_num\\_50\\_3\\_279379](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1995_num_50_3_279379)

## **-S**eminário **VIII**. APRESENTAÇÃO DO CD

### **ÂMBRIA** – a música no território e o território na música

(um exemplo de intercâmbio entre tradição e modernidade através de um diálogo entre tempos, saberes e formas distintas de expressões societárias)

#### **OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM**

1. Perceber a importância da criação de um projecto original, de encontro entre a tradição e a modernidade, que tem como elementos centrais, o território e a música
2. Saber enquadrá-lo, enquanto um exemplo, no âmbito dos temas estudados

#### **CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

- O Surgimento da Ideia e as Fases do Processo de Criação do CD
- Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- O surgimento da ideia e as fases do processo de criação do CD
- Enquadramento no âmbito dos temas estudados

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

### ▪ Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

Em contexto dos anteriores seminários, depreende-se que o processo de construção identitário é especialmente discursivo. Todavia, apesar da forte correlação com a sua vertente linguística, o discurso pode assumir outras formas, até compósitas.

Poder-se-á então definir o discurso como as práticas, linguísticas e não linguísticas, que acarretam e conferem sentido a um campo de forças, caracterizado pelo jogo de relações de poder. Dessa maneira, pode-se falar de construção discursiva da identidade sem que esta seja reduzida a uma mera construção linguística.

Logo, caso se estenda a definição de discurso a todas as práticas em que se intercambiam símbolos, resulta que todas as práticas ligadas ao performático e às performances, com sua clara base corporal, transformam-se em discursos, e tais discursos têm implicações identitárias, sem que, para tal, seja necessária qualquer troca de palavras. É, pois, dentro desta concepção de discurso que as práticas musicais também se transformam em discursos, com precisas influências identitárias.

Por outro lado, é na narrativa que se funda o prazer proporcionado pela música, sendo este central para o sentido de identidade: a música tem o poder universal de criar e de transformar emoções, apesar de respeitar a cada indivíduo fazer “a sua” conexão com o tema musical e, a partir daí, compreender até onde esse poder o pode transportar.

Esta apropriação que o indivíduo faz da música, permite-lhe experimentar emoções com um elevado grau de intensidade e, no que respeita à música popular, desta maneira, pode representar, simbolizar e oferecer a experiência imediata de uma identidade coletiva, na medida em que são usadas canções populares para criar um tipo particular de autodefinição, construindo um lugar particular na sociedade. O prazer que a música produz é um prazer de identificação – com a música de que

se gosta, com os intérpretes dessa música e com as outras pessoas que gostam desse mesmo tipo de música.

Assim, através das letras, das melodias e das interpretações, a música popular revela maneiras de ser e de comportar-se, tal como modelos de satisfação psíquica e emocional.

É, pois, neste contexto, onde a representação do passado e do futuro, do ponto de vista do presente, assume uma importância decisória na construção das narrativas identitárias, que se enquadra o CD “ÂMBRIA” – a música no território e o território na música.

## DESENVOLVIMENTO

---

### ▪ O Surgimento da Ideia e as Fases do Processo de Criação do CD

A ideia que sustentou a concepção do CD de música popular intitulado “AMBRIA” – a música no território e o território na música”, cuja apresentação pública teve lugar em concerto no Cine-Teatro Pax Júlia, em Beja, no dia 18 de Setembro de 2021<sup>1</sup> (Figura 1) surgiu em 2020, no período áureo de pandemia.

Figura 1. Concerto LUZAZUL de apresentação do CD “ÂMBRIA” – a música no território e o território na música, 18 de Setembro de 2021, Cine-Teatro Pax Júlia, Beja



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100069142522074>

Tinha-se a aspiração de escrever letras que pudessem vir a ser musicadas. Todavia, o desconhecimento das particulares relações entre os acentos musicais – posição métrica, pico da melodia e duração relativa – e os acentos de letra – posição acentual da sílaba, das palavras gramaticais e duração fonética das vogais –,

---

<sup>1</sup> <https://www.oatual.pt/noticias/luzazul-apresentam-ambria-a-musica-no-territorio-e-o-territorio-na-musica>

determinantes para os alinhamentos entre as sílabas proeminentes e as notas proeminentes, privilegiados na fonologia prosódica, afastavam essa presunção.

Numa altura em que se estava recolhido em casa, quando imperava a incerteza e os artistas não tinham trabalho, ganhou o atrevimento de tentar ultrapassar o bloqueio.

Sempre com a paixão pelo território como bandeira, arriscou-se escrever algumas letras que, tal como as que estão reunidas no cancionário de música popular alentejana, continuam a retratar temas tradicionais enquadrados num contexto cultural e social nomeadamente do Estado Novo (a vida rural, a natureza, o amor, a religião, etc.), mas com novas roupagens.

A composição musical foi feita a seguir: depois de escolhidos dez temas, cujas letras se apresentam no final, contactou-se o músico José Emídio (Adiafa, Vocalistas) que se responsabilizou pela criação das melodias. Foi, nessa tarefa, ajudado por mais cinco músicos - Bernardo Emídio, Ruben Lameira, João Frade, Tiago Oliveira e Adriano Alves – e constituíram, para o efeito, a formação musical LUZAZUL<sup>2</sup> (Figura 2).

Figura 2. Luzazul em gravação



Fonte: <https://www.facebook.com/109097528062346/photos/pb.100069142522074.-2207520000/113956204243145/?type=3>

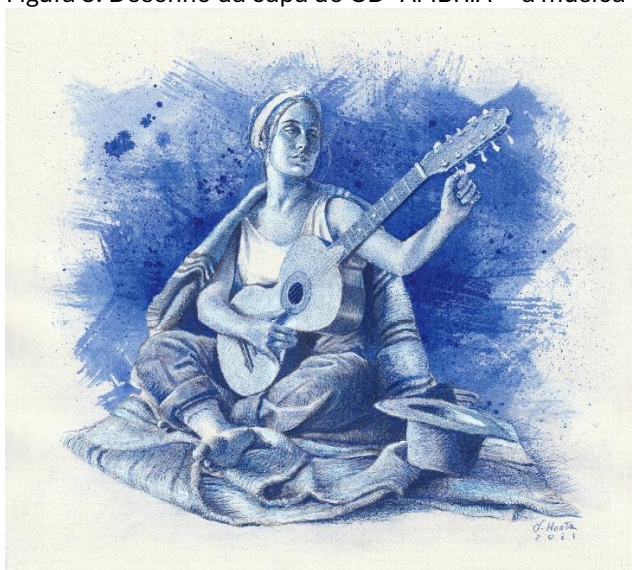
<sup>2</sup> <https://companhianacional.pt/%C3%A2mbria>

Neste encontro entre a tradição e a modernidade, tendo o território e a música como elementos centrais, a dada altura percebeu-se que não se estava a criar, apenas, um CD de música popular alentejana, com letras e músicas inéditas, mas algo, ainda, mais valioso: estava-se a criar um instrumento promotor de um Alentejo mais coeso, mais cooperante e interligado e, assim, mais competitivo. Optou-se por preservar todo o imaginário colectivo e social que influencia o modo de ser e de estar no mundo do povo alentejano – foram, pois, criadas estórias cantadas, singelas, em que as letras estão repletas de sentidos e significados, valores morais e elementos específicos da cultura popular, ligadas às tradições, aos costumes e a algumas lendas que singularizam este território.

Procurou-se ainda completar este trabalho convidando um conjunto de personalidades com diferentes ligações ao Alentejo, reunidos pela partilha de preocupações quanto ao seu desenvolvimento e sustentabilidade, para serem “padrinhos” de cada um dos temas. António Ceia da Silva, Ana Paula Amendoeira, António Serrano, António Quaresma, Pe. António Cartagena, José Manuel Simões, Paulo Lima, João Ferrão e Fernando Romba, são alguns exemplos.

Também se convidou um artista local, Flávio Horta<sup>3</sup>, para desenhar a capa (Figura 3).

Figura 3. Desenho da capa do CD “AMBRIA” - a música no território e o território na música



Fonte: Própria

---

<sup>3</sup> <https://flaviohorta.pt/about.php>

O vídeo do tema “Ramo da espiga” pode ser consultado aqui: [https://www.youtube.com/watch?v=Ftx2hgw\\_yil](https://www.youtube.com/watch?v=Ftx2hgw_yil) (Figura 3).

Figura 3. Imagem de abertura do vídeo “Ramo da espiga”, CD ÂMBRIA, pelo grupo de música popular LUZAZUL



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=Ftx2hgw\\_yil](https://www.youtube.com/watch?v=Ftx2hgw_yil)

#### ▪ Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados

A identidade cultural do “ÂMBRIA” enquadra-o na contextualização teórica apresentada em anteriores seminários:

1. Trata-se de uma representação social, na medida em que:
  - a) É um resultado/produto formado e assimilado, fruto de continuados contactos sociais;
  - b) Aporta história (memória);
  - c) Tem uma atitude fabulatória (narrativa do passado e prospectiva narrativa do futuro);
  - d) Sendo uma representação social pode ser, eventualmente, polémica (dada à construção e à desconstrução, em função da conflitualidade que prevalece nas relações sociais).

2. Enquadra-se num cenário familiar (Alentejo no Estado Novo, Alentejo na actualidade), relaciona o conceito com a imagem (objectivação), assim como transfere o que é “novo” ou “estranho” (novas letras e novas abordagens musicais) para um referencial que permite a interpretação e a comparação através de uma conexão entre categorias e rótulo:
  - a) Âmbria = fome;
  - b) a música no território e o território na música =destaque “música” e “território”;
  - c) projecto de coesão territorial = desenvolvimento equilibrado dos territórios + redução de assimetrias + reforço da competitividade territorial. No conjunto, pretende contribuir para conferir mais coerência às políticas públicas, sejam políticas regionais, como políticas sectoriais com impacto territorial.
3. Constitui-se com esta matéria o núcleo figurativo (instrumento de categorização); a operação/acção materializou-se no CD e nos concertos, que são igualmente instrumentos de divulgação e promoção do conceito, facilitando assim que a representação possa manter-se no tempo.
4. Reflecte a identidade colectiva do povo alentejano, institucional (dados objectivos), existencial e simbólica (tem lugar num território, também ele uma construção social, em contínua transformação).
5. Carrega um capital simbólico, um capital cultural assente num *habitus* – um exemplo é o cançoneiro popular, aqui como base, que se respeita, mas onde também se quer intervir, renovando-o - e situa-se num quadro de revivificação de memórias, de tradições, com vista a (re) lembrar e a (re) valorizar aspectos determinantes para a estruturação da identidade de uma região, assumindo-se como um contributo para a preservação dessas mesmas memórias.
6. Corre o risco de ser classificado como passadista (mas nunca, revivalista), nomeadamente para quem não conhece como é formada a imagem dos lugares: esclarece-se que estas podem ser do tipo orgânico - evoluindo através da reprodução de clichés – ou do tipo induzido - resultado das transformações ocorridas nas paisagens físicas e na estrutura social e

económica dos espaços, da requalificação desses espaços, da organização e da promoção de eventos culturais, das experiências de cada um, do empenho da publicidade e do interesse dos media, do ponto de vista da formação da imagem, o recurso aos estereótipos do campo, da ceifeira e do vinho, alimenta a imagem orgânica da região, aquela que a história já fixou.

7. Considera-se um instrumento de cultura popular, resultado de um processo de folclorização onde, porém, se pretende salvaguardar as influências negativas do imediatismo, da “cultura esmagada pela imagem” e das exigências da circulação mercantil.
8. Poder-se-á considerar uma expressão da tradição inventada.
9. Pretende contribuir para a discussão em torno da governação da ciência para as políticas públicas em Portugal.

# **-S**eminário **IX**. APRESENTAÇÃO DO OPÚSCULO **MÁGICOS DA VIOLA CAMPANIÇA – PEDRO MESTRE**

(o primeiro de uma colecção de apontamentos e registos para a história da viola campaniça)

## **OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM**

1. Perceber a importância do estudo e do registo, assim como da promoção, da viola campaniça, um elemento representativo da identidade do Baixo Alentejo e de coesão social, sendo esta uma forma de estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, tendo como interlocutores a música, a memória e o território
2. Saber enquadrar o opúsculo, enquanto um exemplo desse trabalho, no âmbito dos temas estudados

## **CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

- Um Exemplo de uma Forma de Preservação e de Valorização do Património Cultural
- Circunstâncias que Levaram à Concepção do Opúsculo e o seu Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados

# SINOPSE DESCRITIVA

## **INTRODUÇÃO**

- Contextualização e Pertinência do Estudo do Tema

## **DESENVOLVIMENTO**

- Um Exemplo de uma Forma de Preservação e de Valorização do Património Cultural
- Circunstâncias que Levaram à Concepção do Opúsculo e o seu Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados

## **BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

## INTRODUÇÃO

---

- Um Exemplo de uma Forma de Preservação e de Valorização do Património Cultural

O património cultural imaterial inclui os conhecimentos e as tradições herdadas das gerações anteriores e transmitidas às posteriores, elementos reconhecidos como partes da história e da cultura de um povo, conferindo-lhe um sentimento de pertença. Isto significa que o património imaterial é indissociável das pessoas e é também marcado por uma certa fragilidade, decorrendo esta do facto de estar em constante transformação, em função das condições que marcam o ritmo e a dimensão das mudanças sociais e históricas das comunidades que possam ocorrer.

A viola campaniça é uma das violas de arame portuguesas, tradicional da região do Alentejo e fortemente ligada à cultura popular e ao património imaterial rural. Ao conhecer a sua história, as suas características e o seu uso, percebe-se a sua importância enquanto elemento representativo da identidade do Baixo Alentejo e de coesão social. Com origem na Idade Média, a viola campaniça acompanhava o canto alentejano, nomeadamente em momentos de confraternização quotidiana, em festas e no trabalho agrícola. Contribuiu sobremaneira para a preservação da oralidade e da tradição musical alentejana, sendo um veículo de memória e de identidade cultural.

Nas décadas de 60 e 70 do século passado, fruto de diversas mudanças, a viola campaniça correu o risco de se extinguir. Todavia, a partir dos anos 80 iniciou-se um movimento de revivificação deste instrumento musical, com o seu ensino nas escolas e o trabalho de construção dos mestres violeiros.

Crescentemente, a viola campaniça tem ganho visibilidade, tanto em Portugal como no exterior, sendo alvo de interesse de diversos públicos, de entre os quais, investigadores e músicos. Muitos destes músicos continuam a tocar a viola tal os mestres da velha geração de tocadores, Francisco António e Manuel Bento, o faziam, enquanto outros têm incorporado a viola campaniça em contextos

musicais inovadores, combinando-a com outros géneros e estilos. O trabalho de todos tem sido essencial para a reinvenção deste instrumento tradicional e para a sua sustentabilidade cultural.

A viola campaniça é, pois, uma prova “viva” da cultura do Alentejo, assim como da capacidade de superação e de adaptabilidade das tradições populares. A sua preservação e revivificação são determinantes para garantir a sua continuidade e importância para as futuras gerações. O seu estudo, assim com os consequentes registos e promoção são possibilidades ímpares de estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, tendo como interlocutores a música, a memória e o território.

Por conseguinte, este opúsculo, enquadrado no Projecto 3 - “Cante de Improviso com Viola Campaniça” – do qual se tem a coordenação, em contexto da Cátedra UNESCO em Etnobotânica e Salvaguarda do Património de Origem Vegetal, evidencia um papel estratégico no que respeita ao cruzamento entre tradição e modernidade.

Em síntese, este trabalho teve três principais propósitos:

1. Contribuir para a salvaguarda do instrumento musical “viola campaniça” e de tudo aquilo que ela representou no passado e que representa no presente, associando-o, em jeito de homenagem, a histórias de vida de pessoas que ainda estão entre nós e que foram ou são “guardiães” deste instrumento tradicional;
2. Divulgá-lo e divulgar o conhecimento a seu respeito, sem sucumbir às regras de mercantilização ou da cultura deformada pela imagem;
3. Ousar ser um exemplo da almejada harmonia do discurso da experiência tradicional e da experiência moderna do mundo e, como tal, um modelo a ser seguido e melhorado por outros em iniciativas futuras, mais ou menos congéneres.

- Circunstâncias que Levaram à Concepção do Opúsculo e o seu Enquadramento no Âmbito dos Temas Estudados

No âmbito do trabalho desenvolvido na Cátedra UNESCO em Etnobotânica e Salvaguarda do Património de Origem Vegetal, em contexto do projecto “Cante de Improvado com Viola Campaniça”<sup>1</sup>, entendeu-se realizar algumas reuniões com os municípios onde a viola campaniça teve e continua a ter mais expressão - Odemira e Castro Verde – no sentido de dar resposta às necessidades sentidas pelos mesmos. Numa dessas reuniões foi alvitrada a importância e a necessidade deste registo, em português e inglês. Este foi o germen para dar início à colecção de opúsculos, intitulada “Mágicos da Viola Campaniça”, cujo primeiro volume é dedicado ao músico, cantor e tocador Pedro Mestre, cuja escolha foi unânime por parte dos envolvidos (Figura1).

Figura 1. Mágicos da Viola Campaniça – Pedro Mestre



Fonte: Própria

A sua apresentação pública teve lugar no dia 4 de Fevereiro de 2024, na Casa do Alentejo, em Lisboa, e no dia 7 de Junho de 2024, no Centro UNESCO de Beja<sup>2</sup> (Figura 2).

---

<sup>1</sup> <https://museu358.wixsite.com/meusite/pessoas>

<sup>2</sup> <https://diariodoalentejo.pt/pt/18593/ana-paula-figueira-apresenta-magicos-da-viola-campanica.aspx>

Figura 2. Apresentação “Mágicos da Viola Campaniça – Pedro Mestre” no Centro UNESCO – Beja, a 7 de Junho de 2024



Fonte: Própria

Passando agora ao seu enquadramento no âmbito dos temas estudados, importa salientar que o mesmo espelha a definição de património cultural imaterial da UNESCO, ao documentar, mas também ao conceber uma narrativa que revigora a importância da viola campaniça na contemporaneidade. Para além disso, constitui um suporte tangível de memória colectiva, fazendo a união entre o passado e o presente, funcionando como um elemento fortalecedor de coesão social na comunidade e uma parte da identidade territorial. Dada a sua unicidade e autenticidade, traduz igualmente um recurso que pode ser usado em contexto de marketing territorial, para promover a região de forma sustentável.

Por fim, a viola campaniça representa um exemplo de como os instrumentos tradicionais podem ser alvo de estudos no âmbito da História e da Filosofia da Ciência, na medida em que guarda uma materialidade e um conhecimento técnico antigo, elementos essenciais para compreender as práticas culturais e técnicas que marcam uma qualquer época. O saber que está implícito na construção artesanal da viola campaniça e a respectiva escolha dos materiais a utilizar, transmitidos ao longo dos anos às gerações vindouras, ressaltam o valor epistemológico e territorial deste instrumento musical tradicional.

# **-V**isita de **E**studo I. **C**ENTRO DE **V**ALORIZAÇÃO DA **V**IOLA **C**AMPANIÇA E DO **C**ANTE DE **I**MPROVISO, SÃO MARTINHO DAS AMOREIRAS

## **OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM:**

1. Conhecer o espaço que leva o município a afirmar que “o Centro é fundamental na estratégia municipal para valorizar o património imaterial e no fortalecer da identidade cultural e no sentido de comunidade”, assim como relacionar com os temas estudados.
2. Conhecer as diferentes valências do Centro – expositivo, taberna típica e pátio -, assim como a oficina dedicada à formação/construção da viola campaniça, e ainda estabelecer uma relação com os temas estudados.

Nota: A visita será orientada pelo Dr. Nuno Duarte, Presidente da Junta de Freguesia de S. Martinho das Amoreiras e pelo músico e tocador Pedro Mestre, coordenador do Centro de Valorização da Viola Campaniça e do Cante de Improviso.

# -V isita de E studo II. CENTRO DE ARTES E DA VIOLA CAMPANIÇA DE CASTRO VERDE

## OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM:

1. Conhecer as valências e as instalações para a construção e toque da viola campaniça (oficina de construção, sala de toque), e para a divulgação, salvaguarda e ensino do cante alentejano (Centro de Documentação/Observatório do Cante Alentejano; oficinas para a promoção de actividades inovadoras ligadas às artes e ofícios).
2. Estabelecer uma relação com os temas estudados.

Nota: A visita será orientada pelo Dr. José Francisco Colaço Guerreiro, coordenador do Observatório do Cante Alentejano e do Centro de Documentação do Cante Alentejano.

# -V isita de E studo III. CENTRO UNESCO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL DE BEJA

## OBJECTIVOS EDUCACIONAIS/RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

1. Conhecer o equipamento cultural, de gestão municipal, enquadrado nos ideais da UNESCO, vocacionado para dar cumprimento à salvaguarda e promoção do património intangível nas suas várias manifestações, como o cante alentejano, as artes e ofícios, gastronomia tradicional ou a literatura oral. Conhecer a sua programação e como ela é estabelecida.
2. Estabelecer uma relação com os temas estudados.
3. Showcase pelos “LUZAZUL”, com selecção de 3 temas do CD “ÂMBRIA”.

Nota: A visita será orientada pela Dra. Alexandra Freire, coordenadora do Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial – Beja.